

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

Ericksson Joao Abaroa Bravo

MISSIONARIEDADE NO APÓSTOLO PAULO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

São Paulo – 2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

Ericksson Joao Abaroa Bravo

MISSIONARIEDADE NO APÓSTOLO PAULO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do Prof. Dr. Matthias Grenzer.

São Paulo - 2023

Ao Deus de Jesus Cristo, à minha família,
amigos e confrades, que ao longo do caminho
estiveram comigo.

Agradeço a Deus Uno e Trino, por sua presença vivificante e atuante na minha vida.

À minha família, que acreditou na minha vocação
e me permitiu deixar tudo e seguir a Cristo Jesus.

À minha família religiosa - Estigmatinos, por acreditar no meu sim
e pela paciência para comigo no meu processo de discernimento.

Aos professores que me ajudaram a construir novos conhecimentos,
principalmente ao professor Mattihas, que soube respeitar o meu tempo.

A todos os meus amigos que, direta ou indiretamente, contribuíram na realização
de mais esta etapa, tão significativa da minha vida.

*“Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho!”
(1Cor 9,16b)*

RESUMO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa que explora a temática da missionariedade no apóstolo Paulo, pensada a partir da teologia bíblica. Para tanto, a pesquisa objetiva desenvolver uma reflexão bíblico-teológica do agir missionário na vida cristã, tendo por base, narrativas bíblicas e comentários de teólogos especializados. Iniciamos o trabalho, fazendo uma breve abordagem dos elementos essenciais que contribuíram no processo de conversão do Apóstolo Paulo, para assim, traçarmos um panorama geral sobre o projeto missionário de Paulo apontando quais são as ferramentas e meios que o Apóstolo se utiliza não só para criar o projeto, mas também, para torná-lo realidade. Do ponto de vista formal, realizamos uma reflexão teológica sobre os colaboradores de Paulo, não só para entender como esses foram grandes facilitadores de sua missão, mas também, para perceber, como esses tornaram-se os continuadores desse projeto missionário. Metodologicamente, tratamos nesse trabalho de uma pesquisa bibliográfica, cujo desafio consiste em fazer uma exposição do agir missionário na vida de Paulo e seus colaboradores(as), levando em consideração as duas bases de estruturação de nossa pesquisa: a narrativa bíblica e os teólogos especializados no assunto pesquisado. Traçamos assim, uma reflexão teológica da missionariedade cristã sob o viés do projeto paulino. Os resultados esperados da presente reflexão bíblico-teológica circunscrevem-se à demonstração da importância e do lugar da missionariedade na experiência de fé do cristão, seja no seu aspecto pessoal, ou no âmbito comunitário. De modo que procurará perceber como o agir missionário, pode ser testemunho e sinal de esperança para a vida da Igreja e sociedade de nossos tempos.

PALAVRAS-CHAVE: Paulo, apóstolo. Missionariedade. Homens e mulheres colaboradores.

RESUMEN

Este trabajo es fruto de una investigación que explora la temática del trabajo misionario en el Apóstol Pablo, pensada a partir de la Teología Bíblica. Para esto, la investigación busca desarrollar una reflexión bíblico-teológica del actuar misionero en la vida cristiana, teniendo como base narrativas bíblicas y comentarios de teólogos especializados. Iniciamos el trabajo haciendo un breve abordaje de los elementos esenciales que contribuyeron en el proceso de conversión del Apóstol Pablo, para luego trazar un panorama general sobre el proyecto misionero de Paulo, apuntando cuales son las herramientas y medios que el Apóstol utilizó, no solo para criar su proyecto, sino también para tornarlos realidad. Del punto de vista formal, realizamos una reflexión teológica sobre los colaboradores de Pablo, no solo para entender cómo es que ellos fueron grandes facilitadores de su misión, sino también para observar cómo se volvieron los continuadores de este proyecto misionero. Metodológicamente, tratamos usamos en este trabajo una investigación bibliográfica, cuyo desafío consiste en hacer una exposición del actuar misionero en la vida de Pablo y sus colaboradores y colaboradoras, teniendo en consideración las dos bases que dan estructura a nuestra investigación: la narrativa bíblica y los teólogos especializados sobre el asunto abordado. Trazamos, por lo tanto, una reflexión teológica de la actuación misionera cristiana bajo la óptica del proyecto paulino. Los resultados esperados sobre este trabajo bíblico-teológico, se circunscriben a la demostración de la importancia y del lugar de misión en la experiencia de fe de todo cristiano, sea en su aspecto personal o comunitario. De modo que buscará dejar en evidente que el actuar misionero, puede ser testimonio y señal de esperanza para la vida de la Iglesia y sociedad de nuestros tiempos.

PALABRAS CLAVES: Pablo Apóstol. Misionario. Hombres y mujeres colaborados.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I.....	12
SAULO, O JUDEU FARISEU QUE SE TORNOU DISCÍPULO DE CRISTO.	12
1.1. APROXIMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE PAULO	13
1.1.1. Fontes	13
1.1.2. Contexto Cultural de Paulo	17
1.2. DE SAULO A PAULO: “A CONVERSÃO, O CHAMADO”	19
1.3. VOCAÇÃO DE PAULO: O TÍTULO DE APÓSTOLO	22
1.4. CONCLUSÃO	24
CAPÍTULO II.....	26
O PROJETO MISSIONÁRIO DE PAULO	26
2.1. AS EQUIPES PAULINAS E SUA DIMENSÃO COMUNITÁRIA.....	26
2.2. AS IGREJAS FUNDADAS POR PAULO.....	29
2.2.1 Igrejas da Galácia.....	30
2.2.2 Igreja de Filipos	31
2.2.3 Igreja de Tessalônica.....	32
2.2.4 Igreja de Corinto	34
2.3. INTENÇÃO MISSIONÁRIA DAS CARTAS PAULINAS.....	35
2.4. CONCLUSÃO	37
CAPÍTULO III.....	39
PAULO E SEUS COLABORADORES	39
3.1 DEFINIÇÃO E TIPOS DE COLABORADORES	39
3.1.1 Colaboradores	40
3.1.2 Irmãos	41
3.1.3 Ministro	42
3.1.4 Apóstolos.....	44
3.2. MULHERES COLABORADORAS	47
3.2.1. Lídia	49
3.2.2. Priscila.....	51
3.2.3. Febe	54
3.3. HOMENS COLABORADORES.....	56
3.3.1. TIMÓTEO E TITO.....	57
3.3.2. BARNABÉ, SILVANO E APOLO.....	59
3.4. CONCLUSÃO	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67

INTRODUÇÃO

A presente investigação tem por objetivo a reflexão bíblico-teológica da missionariedade na vida cristã, tendo por base a vida apostólica de Paulo e seus colaboradores e colaboradoras, trazendo por recorte, o agir ministerial, consciente e responsável nas comunidades cristãs fundadas nas missões paulinas.

A proposta de se estudar a missionariedade no apóstolo Paulo nasceu da necessidade de compreender como o Apóstolo Paulo entendeu seu chamado a evangelizar aos povos, e trouxe para si este mandato missionário. Atentos a estes estímulos, buscamos refletir o modo que Paulo formou vínculos para atingir lugares mais distantes, criando verdadeiras redes de evangelização.

Nesse sentido, a presente reflexão investiga o agir missionário pautada no seu *modus vivendi*, buscando assim, entender como seus atos refletem a comunidade em que este, está inserido. Em outras palavras, procuramos entender como a vida missionária, em sua estrutura, contribui para a formação da pessoa humana que adere livremente a uma vivência de fé. Para tal, estruturamos o nosso trabalho em três capítulos, sendo o primeiro, uma abordagem sobre o processo de conversão de Paulo; o segundo uma exposição reflexiva do projeto missionário de Paulo e o terceiro, um olhar sobre a atuação missionária dos homens e mulheres, colaboradores de Paulo em suas respectivas comunidades ou naqueles que esses foram enviados em missão.

O primeiro capítulo apresenta uma reflexão sobre o processo de conversão do Apóstolo Paulo, apontando fontes que possibilitam uma construção sobre a identidade do perfil do Apóstolo. Para tal, é apresentado uma visão panorâmica sobre o movimento de mudança de perseguidor dos cristãos para anunciador do Evangelho, destacando uma aproximação bibliográfica, o processo de conversão em si, e o mandato de ir e anunciar o evangelho aos gentios.

O segundo capítulo desenvolve uma abordagem sobre o projeto missionário de Paulo. Destaca-se aqui a formação das equipes paulinas e suas respectivas dimensões comunitárias, a partir das equipes formadas e a confiança no trabalho dos colaboradores, os quais possibilitava o trabalho missionário. Demonstra-se como o caminho feito por ele e seus colaboradores foi fundamental para a vida da Igreja nascente.

O último capítulo realiza uma análise reflexiva do agir missionário de Paulo e seus Colaboradores. Buscando contemplar os tipos de conceitos de colaboradores que

acompanham Paulo no seu ministério, apresentando homens e mulheres que foram de grande importância no testemunho vivo e eficaz no seguimento de Cristo. O objetivo de principal deste capítulo é descobrir nos colaboradores de Paulo, inspiração para abraçar os dons que recebemos de Deus, e coloca-los a serviço das comunidades atuais.

O processo reflexivo desenvolvido neste trabalho aponta que, Paulo ao entender sua vocação, busca meios necessários e eficaz para pôr em prática o seu mandato de evangelizar aos gentios. Entende-se no desenvolvimento do trabalho, que para atingir aos povos, se torna de grande importância a colaboração de homens e mulheres que possuam o mesmo entendimento do mandato missionário, capazes de aceitar os desafios e dificuldades no seguimento de discípulos (cf. Rm 6,4).

CAPÍTULO I

SAULO, O JUDEU FARISEU QUE SE TORNOU DISCÍPULO DE CRISTO.

Neste capítulo, será apresentado o caminho de conversão do Apóstolo Paulo, aquele que era Saulo, o perseguidor dos cristãos¹ e passa a ser Paulo, o discípulo de Cristo. Para tal fim, se levará em conta, os dados bibliográficos, bíblicos e teológicos que fazem parte do contexto histórico-cultural no qual Paulo está inserido. Antes, porém de abordar tais questões, vale apenas ressaltar que,

“A investigação histórica sobre Paulo, diferentemente daquela sobre qualquer outro protagonista do cristianismo primitivo, pode contar com uma documentação ampla e excepcional. Sob o seu nome, desde a segunda metade do século II, existe um *corpus* de escritos que permite reconstruir os traços essenciais da sua personalidade e ação histórica. São treze cartas que, nos escritos do Novo Testamento, formam o epistolário paulino. Dessa coleção de cartas, ao menos sete são reconhecidas como autênticas, isto é, escritas ou ditadas pessoalmente por Paulo. Nesses documentos se conservam alguns elementos autobiográficos”².

Tendo como foco de investigação tais pontos acima citados, se fará no decorrer da pesquisa, uma abordagem dos elementos essenciais que contribuíram no processo de conversão do Apóstolo Paulo. Pretende-se, pois, entender como tais acontecimentos tornaram-se fatores determinantes no seu processo de conversão.

¹ No que diz respeito ao atributo de perseguidor dos cristãos, é importante ressaltar alguns dados que ajudam a esclarecer tal questão. Vemos o evangelista Lucas, que descreve a perseguição da Igreja por parte de Paulo, mencionando-o como um jovem que assistiu com satisfação a execução de Estevão (cf. At 7,58; 8,1; 22,20). O mesmo ainda cita Paulo como aquele que entra na casa dos cristãos para os levarem para a prisão (cf. At 8,3) e apresenta também a confissão de Paulo, quando ele afirma ter recebido tal autoridade dos sumos sacerdotes para prender os cristãos (cf. At 26,10). Em um quadro geral apresentado pelo próprio Apóstolo Paulo, vemos ele dizer: “Ouvistes certamente da minha conduta de outrora no judaísmo, de como perseguia sobremaneira e devastava a Igreja de Deus” (Gl 1,13); “quanto ao zelo, perseguidor da Igreja” (Fl 3,6). Dito essas coisas, é importante destacar que mesmo “no tempo de Paulo o significado de *ho diôkôn* tivesse evoluído do genérico ‘caçador’ para específico ‘perseguidor’, nenhum dos dois contextos apoia a afirmação dos Atos de que Paulo agia na capacidade jurídica oficial. De maneira implícita em Gálatas, mas explícita em Filipenses, a menção de perseguição por Paulo é para demonstrar como ele levava a sério o fato de ser judeu. Um dever não teria o valor comprobatório que Paulo evidentemente atribuiu a essa atividade. Assim, foi algo que ele empreendeu por iniciativa própria. Devemos pensar em um pequeno zelota diligente em vez de um perseguidor calmo e objetivo” (MURPHY-O’CONNOR, Jerome. *Paulo, biografia crítica*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 81).

² FABRIS, Rinaldo. *Paulo: apóstolo dos gentios*. 4ª ed. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 4.

1.1. Aproximação Bibliográfica de Paulo

Paulo, no seu discurso aos judeus de Jerusalém nos diz: “Eu sou judeu. Nasci em Tarso, da Cilícia, mas criei-me nesta cidade, educado aos pés de Gamaliel na observância exata da Lei de nossos pais, cheio de zelo por Deus, como vós todos no dia de hoje.” (At 22,4) e perante o rei Agripa ele deixa em manifesto que ele é fariseu (cf. At 26,4). A partir dessas afirmações, nos aproximaremos de Paulo para compreendermos melhor sua atividade missionária como discípulo de Cristo.

1.1.1. Fontes

São Paulo, sem dúvidas é um dos personagens bíblicos mais conhecido de toda a história do cristianismo. Isso se deve às cartas da sua autoria que ele escreve às primeiras comunidades cristãs fundadas por ele mesmo, as quais nos fornecem informações ricas sobre seu pensamento e atuação missionária. Por isso, Barbaglio afirma que Paulo é “de todos os personagens do Novo Testamento, incluindo Jesus, o que se dá a conhecer mais claramente, o mais acessível”³.

Sendo assim, as cartas tornam-se, para nós, a principal fonte de pesquisa onde podemos conhecer e traçar um perfil de Paulo com maior fidelidade sobre o seu pensamento e a ação missionária⁴. No entanto, o livro do Atos dos Apóstolos é outra fonte que devemos considerar, pois nele é possível recolher algumas informações sobre as viagens de Paulo. Diante disso é importante esclarecer que:

“[...] às vezes as duas fontes se suplementam entre si, porém ocorre que também se contradigam a respeito de pontos essenciais. Por exemplo, em nenhuma passagem de Atos se menciona que Paulo escrevera cartas às comunidades que havia fundado ou que pensava visitar.”⁵

Conforme citado acima, ambas as fontes principais sobre Paulo, se suplementam em várias informações sobre ele. Podemos, pois, encontrar nessas fontes, informações sobre sua formação religiosa segundo a doutrina dos fariseus (cf. At 22,3; 26,4s; Gl 1,14; Fl 3,5), onde no princípio era perseguidor implacável da Igreja cristã

³BARBAGLIO, Guiseppe. *As Cartas de Paulo (I) Tradução e comentários*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 15.

⁴ Cf. *Ibid.* p. 15.

⁵ HEYER, C.J. *Paulo, um homem de dois mundos*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 4.

nascente (cf. At 22,4s; 26,9-12; Gl 1,13; Fl 3,6). Após uma experiência pessoal com o Ressuscitado, quem ao manifestar-lhe a verdade da fé cristã, converteu-se ao cristianismo e aceitou sua missão como Apóstolo dos Gentios, conforme o indicado por Jesus Cristo (cf. At 9,3-19; Gl 1,12.15s; Ef 3,2s). Destacamos também o seu ideal religioso, onde Deus é tudo e ele o serve com lealdade absoluta, primeiro perseguindo os que ele tem na conta de hereges, depois pregando Cristo, após ter compreendido por revelação que só nele está a salvação (cf. At 24, 5.14; Gl 1,13).

No que diz respeito às contradições que o autor menciona acima, sobre ambas as fontes, deixa claro que isso acontece frequentemente⁶ se comparadas de forma sinótica. “Atos dá muita atenção à ‘conversão’ de Paulo no caminho de Damasco, um acontecimento que é narrado com detalhes”⁷ enquanto em Atos, o autor narra que Paulo viajou diretamente a Jerusalém e teve um encontro com os demais apóstolos (cf. At 9,26s), em Gálatas não viajou a Jerusalém: “nem subi a Jerusalém aos que eram apóstolos antes de mim, mas fui à Arábia, e voltei novamente a Damasco. Em seguida, após três anos, subi a Jerusalém” (Gl 1,17-18a).

O autor deixa claro que, embora havendo suplementos e contradições nas informações fornecidas por ambas as fontes, é necessário considerar os diferentes relatos, de maneira passada, para estabelecer sua confiabilidade histórica, visto que as cartas nos fornecem recordações pessoais de Paulo, enquanto em Atos foi elaborado não por uma testemunha presencial.⁸

À vista disso, podemos usar indiscriminadamente ambas as fontes que nos falam sobre Paulo, no entanto, devemos saber escolher nossa fonte a partir do foco ou da informação que queremos usar. Sendo assim, Fabris nos sintetiza os dados que podemos recolher dessas fontes:

“A principal finalidade da obra lucana – Atos dos Apóstolos – não é oferecer aos leitores uma biografia de Pedro ou de Paulo, e sim apresentar o testemunho dado por eles de Jesus, o Cristo anunciado pelas Escrituras judaicas e constituído por Deus Senhor de todos, mediante a ressurreição dos mortos. [...] As cartas de Paulo, enquanto escritos ocasionais, não oferecem um quadro sistemático e exaustivo da teologia cristã. Entretanto, revelam sua capacidade de reflexão criativa e estimulante, a partir da própria experiência e da experiência

⁶ *Ibid.* p. 9.

⁷ *Ibid.*

⁸ *Ibid.* p. 12.

das primeiras comunidades de fiéis adultos batizados em nome de Jesus Cristo.”⁹

Quando o autor usa a expressão “escritos ocasionais”, devemos entendê-lo a partir da origem das cartas, as quais foram escritas como consequência da atividade missionária e pastoral de Paulo. As cartas foram escritas em ocasião da propagação do evangelho e impulsionado pelo zelo de pastor, sempre atento aos problemas concretos das comunidades.

Trata-se, por tanto, de duas fontes que, por um lado temos escritos que nos traçam um perfil de Paulo, a partir da compreensão de si mesmo. Por outro lado, temos um perfil esboçado de Paulo apoiado de uma intenção, talvez teológica. Sob essa ótica, ganha particular relevância questionamentos sobre uma cronologia fidedigna ou possível sobre o apóstolo, onde questiona-se se os dados recolhidos por Lucas, narrados em Atos dos Apóstolos, são reproduzidas a partir das tradições judaicas ou na intenção redacional do autor, assim como as cartas paulinas que devem ser “preferidas sempre que estejam em tensão ou em contradição a outras notícias do Novo Testamento”¹⁰.

Pode se dizer que o apresentado por Heyer é bastante plausível, pois ambas as fontes interagem entre si aproximando e, por sua vez, questionando a veracidade dos dados fornecidos pelas fontes. Nesse contexto, fica claro que o livro supracitado de Fabris é mais enfático em diferenciar os dados biográficos que tanto as cartas ocasionais de Paulo quanto o Ato dos Apóstolos nos oferecem. O mais preocupante, contudo, é constatar a veracidade historiográfica dos fatos mencionados em ambas das fontes já abordadas, por exemplo, se Paulo nasceu ou não em Tarso, visto que isto é apenas mencionado por Lucas no Atos dos Apóstolo, sem ser mencionado, explicitamente, por Paulo em nenhum dos seus escritos¹¹.

Dessa forma, a partir dos dados fornecidos por Lucas e pelo mesmo Paulo, O'Connor no seu livro *Paulo, Biografia crítica* nos diz:

“Não são muitos os pontos de referência cronológica que situam a vida e o ministério de Paulo na história do século I. O próprio Paulo fornece

⁹ FABRIS, 2001, pp. 6-7.

¹⁰ SCHNELLE, Udo. *Paulo: vida e pensamento*. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010, p. 50.

¹¹ Cf. MURPHY-O'CONNOR, 2000, p. 47.

dois, pelos quais podemos datar outros episódios. Lucas apresenta alguns nos Atos dos Apóstolos.”¹²

Sendo assim, propomos, do mesmo autor, uma possível Cronologia Biográfica de Paulo¹³ a partir dos resultados das análises feitas por ele:

Nascimento	c. 6 a.C.
Conversão	33 d.C.
Arábia	34
Damasco	34-37
Jerusalém (1ª visita)	37
Síria e Cilícia	37-?
Antioquia	inverno de 45-46
Partida de Antioquia	abril de 46
Viagem à Galácia	abril-setembro de 46
Ministério na Galácia	setembro de 46-maio de 48
Viagem à Macedônia	verão de 48
Ministério na Macedônia	setembro de 48-abril de 50
Viagem a Corinto	abril de 50
Ministério em Corinto	abril de 50-setembro de 51
Jerusalém (2ª visita)	setembro de 51
Assembleia em Jerusalém	outubro de 51
Antioquia	inverno de 51-52
Viagem a Éfeso	abril-julho de 52
Éfeso	agosto de 52-outubro de 54
Macedônia	inverno de 54-55
Ilíria	verão de 55
Corinto	inverno de 55-56
Viagem a Jerusalém	verão de 56
Jerusalém-Cesaréia	57?-61?
Viagem a Roma	setembro de 61-primavera de 62
Roma	primavera de 62-primavera de 64
Espanha	início do verão de 64
Ao redor do Egeu	64-66?
Morte em Roma	67

Desse modo, ao citarmos uma possível cronologia sobre a vida do Apóstolo Paulo, podemos ter uma noção mais clara sobre quem foi o Apóstolo e como ele viveu a missionariedade enquanto propagação do Evangelho. Sendo assim, o mesmo autor apresenta a hipótese do sonho missionário de Paulo em levar o Evangelho a Espanha como alcançado, embora tenha fracassado na conversão dos espanhóis¹⁴.

¹² *Ibid.* p. 17.

¹³ *Ibid.* pp. 24. 43. 46.

¹⁴ Cf. *Ibid.* pp. 360-374

Sob o ponto de vista de viagens e sonhos missionários, Paulo, a partir das fontes apresentadas até aqui, foi o grande precursor do Cristianismo, com exitosas fundações de novas Igrejas e outros fracassos (cf. Gl 1,17; 3,1) que fazem da sua vida, um exemplo de missionário e apóstolo dos gentios num contexto cultural amplo e complexo.

1.1.2. Contexto Cultural de Paulo

Paulo é considerado um homem cosmopolita, pertenceu a mundos culturais diversos, sendo judeu, filho de Hebreus (cf. Fl 3,5-6), nasceu em Tarso (cf. At 9,11.30; 11,25; 21,39; 22,3), inserido numa cultura helênica, na Diáspora (cf. 2Cor 11,22), formado em Jerusalém (At 22,3) e fariseu enquanto à observância da lei, (cf. At 26,4), tudo isso, sob o domínio político-militar do Império Romano, sendo inclusive um cidadão romano (cf. At 16,37-39) o que o faz possível de ter uma visão mais abrangente de mundo e de como atingir diversas culturas e posturas tanto religiosas como políticas.

O contexto cultural onde Paulo atua, foi permeado por duas realidades: o ambiente palestinese das décadas dos anos 30 a 60 d.C. e a diáspora e o helenismo extrapalestinese. Compreender isso é um fator importante para poder situar a ação missionária de Paulo. Pois “a história do movimento cristão é ambientada primeiramente na Palestina e regiões vizinhas, Síria-Fenícia, e depois fora do Oriente Médio, nos grandes centros urbanos do Egeu e Mediterrâneo”¹⁵.

À luz dos Atos dos Apóstolos, como uma das fontes biográficas de Paulo, Fabris acrescenta:

“O centro de referência ideal continua sendo a Palestina-Síria, com os dois centros cristãos mais importantes: Jerusalém e Antioquia. De fato, daí partem e até aí voltam as grandes caminhadas missionárias que Paulo e seus colaboradores organizam na Diáspora judaica.”¹⁶

No tempo de atuação missionária de Paulo, meados do I século da era cristã, a Palestina, não era constituída como uma área homogênea. Herodes, o Grande, era quem mantinha unida a Palestina, e após sua morte, ela dividiu-se entre seus

¹⁵ Cf. FABRIS, 1984, p. 45.

¹⁶ Ibid.

sucessores: Arquelau, Ântipas e Felipe. No entanto, Arquelau, filho primogênito de Herodes, após queixas dos judeus e samaritanos junto ao governo central, o qual controlava as três divisões da Palestina, foi deposto e colocaram no lugar dele um procurador, tomando assim conta das regiões da Judeia, Samaria e Idumeia. A este procurador eram confiados a ordem militar e pública, assim como administrativa e financeira e cobrança de impostos, assumindo às vezes a função de judiciário em assuntos mais importantes.¹⁷

Entre os anos 41 e 44, conforme afirma Fabris¹⁸, Agripa I, príncipe judeu, reúne novamente a Palestina na mesma configuração de Herodes o Grande, no intuito de “conciliar o espírito tolerante do helenismo com as observâncias da tradição judaica”¹⁹, reprimindo assim, o movimento cristão em Jerusalém. No entanto, com a morte de Agripa I, as três regiões da Palestina voltaram ao governo direto de Roma, sob o nome oficial de Judeia. Dessa forma, nasce uma história política na Judeia com sucessores de Agripa I, empenhados em controlar, inclusive com violência, as correntes anti-romanas que começaram a surgir.

Em vista disso, Pompeu interveio pela primeira vez na Palestina, tornando mais precária a situação econômica, subjugando as classes sociais mais pobres e deixando as grandes propriedades e riquezas nas mãos da aristocracia leiga e sacerdotal, obrigando assim uma dispersão voluntária judaica fora da Palestina, criando colônias judaicas denominadas Diáspora²⁰.

Nesse contexto, Paulo atua e encontra-se com três instituições religiosas fortes e reconhecidas formalmente pelo Império Romano. Os sumos sacerdotes, que eram os altos funcionários do templo; os anciãos que eram representantes da aristocracia leiga de Jerusalém; ambas as esferas religiosas, eram favoráveis as relações de colaboração com os romanos, sendo conservadores no plano religioso e apelando principalmente à autoridade da Escritura. E finalmente, a terceira tendência religiosa, pertencente aos fariseus, formada por escribas ou doutores da Lei, da qual Paulo fez parte.

No entanto, Paulo encontra-se também em um ambiente extrapalestinense, ou seja, em uma realidade de diáspora judaica ocidental e cultura helênica. Essa

¹⁷ *Ibid.* pp. 46-47.

¹⁸ *Ibid.* pp. 48-57.

¹⁹ *Ibid.* p. 48.

²⁰ *Ibid.* pp. 49-50.

diáspora, é a que permeia Atos dos Apóstolos e praticamente todo o itinerário missionário de Paulo. “Ao contrário de Diáspora oriental mesopotâmica, adotou a língua e em parte acolheu a influência da cultura helenística”²¹, favorecendo assim, o diálogo e tolerância entre culturas e confissões religiosas.

1.2. De Saulo a Paulo: “a conversão, o chamado”

A conversão de Saulo a Paulo, como Apóstolo de Jesus Cristo, deve ser compreendida a partir da concepção da vocação do Apóstolo. Antes de dizer qualquer sobre tal questão, é preciso ressaltar que “a experiência paulina na estrada de Damasco não foi, em absoluto uma conversão, segundo as definições tradicionais de conversão”²².

Compreender vocação no mundo bíblico, tem sido um grande desafio. Nas definições tradicionais de conversão, observamos mudanças radicais de estruturas e comportamentos do sujeito. Sendo assim, na opinião de muitos biblistas, como salienta Everts²³, a experiência paulina não seria mais do que uma conversão, uma vocação, por meio do chamado direto de Cristo a pregar o Evangelho. Embora houve mudança de comportamentos drásticos e radicais, assim como também de comunidade e estilo de vida, não mudou sua percepção de um Deus único, o que faria de Paulo um convertido a partir da aceitação da sua vocação como Apóstolo de Cristo, reconhecendo a Glória de Deus no rosto de Cristo (cf. 2Cor 4,6).

Dito isso, é interessante, aliás, afirmar que Paulo a partir da sua experiência pessoal com Cristo, teve uma mudança concreta e radical que o levou a avaliar toda a sua caminhada e trajetória até aquele dia, mas, há um fator que se sobrepõe a experiência, é Cristo quem toma a iniciativa, chamando-o, com um gesto misericordioso e o escolheu sem que tivesse qualquer mérito (cf. 1Cor 7,25; 2Cor 4,1).

Sob essa ótica, ganha particular relevância o que Barbaglio nos indica:

“Sua conversão não se reduz a uma mudança de vida de caráter ético e religioso, e muito menos a um fato privado. Ao contrário, tem uma definida dimensão pública. Sim, porque ele se converteu a Cristo

²¹ *Ibid.* pp. 57-58.

²² EVERTS, Janet Meyer. Conversão e Vocação de Paulo. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2008, p. 261.

²³ *Ibid.* pp. 265-269.

convertendo-se, ao mesmo tempo, à missão cristã no mundo. No caminho de Damasco nasceu não apenas o crente, mas também o missionário: Deus lhe revelou o Filho para que ele o anunciasse aos pagãos (Gl 1,16)”²⁴

O autor nos deixa claro o que devemos compreender por conversão de Paulo, sendo assim, seria um erro, porém, atribuir que Paulo não passou pela experiência do convertido, pois, trata-se inegavelmente de uma nova criatura que manifesta a psicologia típica de um convertido: “adesão total à nova causa, e polêmica denúncia da posição anterior; forte e indestrutível consciência do acerto da opção feita; segurança e coragem, mesmo entre mil adversidades e contestações”²⁵.

A partir disto, devemos ter um olhar atento nos vv.15-16 de Gálatas capítulo 1 que nos orienta e ajuda a compreender o chamado de Paulo: “Quando, porém, aquele que me separou desde o seio materno e me chamou por sua graça, houve por bem revelar em mim seu Filho, para que o evangelizasse entre os gentios, não consultei carne nem sangue.” A reação de Paulo é pronta e decisiva, sem escrúpulos nem dúvidas de como agir, inclusive sem autorização apostólica, o que nos leva a observar o como ele se entende no v.1: “Paulo, apóstolo – não da parte dos homens nem por intermédio de um homem, mas por Jesus Cristo e Deus Pai que o ressuscitou dentre os mortos-”, tendo plena consciência de quem ele é agora, um apóstolo de Jesus Cristo, chamado a anunciar o Evangelho.

Não se trata de minimizar a conversão ou o chamado de Paulo, senão de assimilar o que Paulo experimentou no caminho de Damasco, o que posteriormente, interpretou como um chamado específico, uma vocação e título a ele outorgado por Cristo em primeira pessoa, sendo essa sua fonte divina da sua própria vocação, contrastando assim, uma vida anterior como judeu convicto (cf. Fl 3,4-6) e perseguidor do caminho (cf. Gl 1,13; At 9,1) e sua nova vida como apóstolo para os gentios, considerando-se inclusive, exemplo para muitos cristãos.

Heyer, defende a ideia do erro no uso do termo “conversão” no acontecido com Paulo:

“A seção de Atos em que narra essa história costuma ser mencionada como a *conversão de Paulo*. Essa interpretação vem de séculos atrás: Saulo se converte em Paulo; o zeloso judeu da Torá converte-se e faz-

²⁴ BARBAGLIO, 2017, p. 20.

²⁵ *Ibid.* p. 21.

se seguidor de Jesus Cristo. No entanto, em Atos 9, não consta o termo ‘converter’. E o mesmo vale dizer das duas passagens do mesmo livro bíblico, em que Paulo recorda o que lhe ocorreu no caminho de Damasco. Muito menos o apóstolo utiliza o termo ‘conversão’ em suas cartas.”²⁶

O autor deixa claro na citação acima, que o termo usado para designar a experiência de Paulo com o Ressuscitado, comumente é chamado de conversão, o que não quer dizer que assim tenha sido. Ao passar de perseguidor a pregador existe uma nova interpretação da fé que ele já praticava, como judeu observante, onde Jesus apresentou-se como mestre, sem propor nem doutrina nem ensinamento. É a partir dessa experiência a caminho de Damasco, que temos a compreensão do “entendimento” ou “conversão” de Saulo a Paulo, onde ele assume seu chamado e vocação de ser anunciador da Boa Nova.

“Duas alusões em 1 Coríntios revelam que Paulo via sua conversão em um contexto bastante específico. 1Cor 9,1 tem paralelos muito estreitos na experiência de Maria de Magdala: ‘ela... viu Jesus’ (Jo 20,14) e anunciou aos discípulos: ‘Eu vi o Senhor’ (Jo 20,18). Eles, por sua vez, proclamaram: ‘Nós vimos o Senhor’ (Jo 20,25). O uso do verbo ‘ver’ em contextos imediatamente pós-pascais é bem atestado. A referência de que Paulo entendia sua conversão como aparição pós-pascal é confirmada por 1Cor 15,8, em que ele se declara o último dos que tiveram o privilégio de ver o Senhor ressuscitado.”²⁷

Pode-se dizer que Paulo, ao ter essa experiência de ver o Senhor ressuscitado, como aparição pós-pascal, teve o privilégio de ser chamado pessoalmente por Cristo, nesse contexto fica claro que o evento caminho de Damasco, é o evento marcante na vida de Paulo, onde compreende e assume sua vocação como chamado por Cristo. O mais importante, contudo, é constatar e ressaltar que o chamado de Paulo é respondido de imediato por ele, acolhendo-o de fato e entendendo-se como mais um dos apóstolos, aos quais o senhor os chamou pessoalmente e pelo seu nome (Cf. Mc 3,13-19; Mt 10,1-4; Lc 6,12-16).

²⁶ HEYER, 2009, p. 35.

²⁷ MURPHY-O’CONNOR, 2000, p. 86.

1.3. Vocação de Paulo: o Título de Apóstolo

Como entender a vocação de Paulo? Como associar o título autodesignado de Apóstolo, aos Apóstolos por Jesus instituídos? São perguntas que desde sempre não estado nos textos e estudos sobre Paulo. Paulo se compreender apóstolo a partir da visão supracitada, uma compreensão que, em parte, muitos questionam, inclusive a própria comunidade de Coríntio (Cf. 1Cor 9,2).

“Paulo refere-se muitas vezes a si mesmo como ‘apóstolo’. Frequentemente se apresenta aos leitores como ‘Apóstolo de Jesus Cristo’ ou por uma imputação semelhante (1Cor 1,1; 2Cor 1,1; Ef 1,1; Cl 1,1; 1Tm 1,1; 2Tm 1,1; Tt 1,1). É ‘por Jesus Cristo’ que Paulo recebeu ‘a graça de ser apóstolo’ (Rm 1,5; cf. Gl 1,1), porque Jesus ‘chamou’ Paulo para ser apóstolo e o pôs ‘à parte’ para anunciar o Evangelho de Deus (Rm 1,1; 1Cor 1,1), para conduzir à obediência da fé os gentios (Rm 1,5; 11,13). Tudo isso deve-se ao Cristo ressuscitado que apareceu a Paulo ‘em último lugar’, enquanto o perseguidor viajava para Damasco.”²⁸

Conforme citado acima, o autor salienta a clareza que Paulo tem da sua vocação como chamado pessoalmente por Cristo Ressuscitado. É justamente a partir dessa concepção que devemos também entender a vocação de Paulo como apóstolo de Jesus Cristo. Embora Paulo não podia vangloriar-se de ter sido testemunha direta da ressurreição de Cristo, nem de ter conhecido o Jesus histórico, ele reconhece seu chamado a ser parte do plano salvífico como pregador do Evangelho (cf. 1Cor 9,15-18).

Paulo sem dúvidas vive uma mudança radical no seu caminho de Damasco, ele descreve a passagem como vocação, fazendo inclusive, alusões à vocação “dos profetas veterotestamentários (compare-se Gl 1,15b com Jr 1,5 e Is 49,1.5; e Gl 1,16b com Is 49,6); possivelmente, Paulo adota aqui até mesmo um esquema veterotestamentário de vocação”²⁹, atribuindo a si mesmo o caráter de apóstolo.

O autor deixa claro, que Paulo sempre se apresenta nas suas cartas aos seus interlocutores como Apóstolo de Jesus Cristo, título esse que ele compreende como sendo graça alcançada por Deus. A graça de ser apóstolo, é a graça de ser separado dentre os outros apóstolos para pregar o Evangelho aos gentios. Paulo tem ciência

²⁸ BARNETT, Paul W. Apóstolo. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2008, p. 125.

²⁹ SCHNELLE, 2010, p. 101.

da potencialidade que ele possui e da bagagem que carrega consigo, o que o levaria, sem grandes dificuldades, a pregar de fato o Evangelho de Jesus Cristo “até os confins da terra”, mandato missionário como sugere Lucas nas suas narrativas (At 1,8).

“Ao que parece, Paulo entende sua instituição, vocação e incumbência em analogia aos grandes profetas do Antigo Testamento, e há uma grande afinidade ao Deutero-Isaías (cf. Is 49,1-6). O anúncio da vontade salvífica de Deus também em relação aos gentios, anunciado, mas não realizado no Antigo Testamento, é agora realizado por Paulo. Como apóstolo de Jesus Cristo e anunciador do evangelho para gentios, Paulo é, segundo sua autocompreensão, também um profeta vocacionado por Deus. Assim como Amós e Jeremias (cf. Am 3,8; Jr 20,9), ele se encontra ao longo de toda sua vida sob a obrigação de anunciar a mensagem de Deus (cf. 1Cor 9,16).”³⁰

Como o autor salienta, a partir desta autocompreensão, Paulo se reconhece como “Servo de Cristo” (Gl 1,6-10), colocando-se a serviço do anúncio do Evangelho como Apóstolo, chamado por iniciativa de Deus, iniciando assim, sua atividade missionária, tendo como finalidade direta e imediata anunciar o Evangelho entre os gentios, estendendo, deste modo, a graça divina aos que não pertenciam ao povo judeu.

Paulo, como dito anteriormente, não teve contato direto com Cristo, não partilhou o que os apóstolos partilharam, não participou do mandato missionário direto de Cristo aos apóstolos (cf. Mt 28,19; Mc 16,15), nem foi testemunha direta de Jesus como os apóstolos (cf. Lc 24,48), no entanto, ele pela experiência pessoal com o Ressuscitado, se compreende como apóstolo de Jesus Cristo com o firme mandato de ir e anunciar o evangelho aos gentios.

Sendo assim, podemos com toda certeza aceitar, o título de Apóstolo que ele se impõe. Posto que, a missão do apóstolo é pregar o evangelho (cf. Mc 3,14c), Paulo compreende esse mandato e o realiza como necessidade imposta (cf. 1Cor 9,16) entendendo assim, a partir dessa necessidade de anunciar o evangelho, sua vocação e seu título de Apóstolo.

Decorrente dessa concepção, Paulo sente a obrigação de anunciar o evangelho levando-o às regiões pagãs (cf. Rm 11,13) para fazê-los participantes da salvação por meio do conhecimento de Jesus Cristo, por tanto seu apostolado de “conduzir à obediência da fé... todos os povos gentios” (Rm 1,5) realiza-se a partir da intenção

³⁰ *Ibid.* p. 102.

missionária de Paulo, criando assim, um projeto de evangelização que o levou até os confins da terra.

1.4. Conclusão

À guisa de conclusão, neste primeiro capítulo foi possível refletir sobre o processo de conversão do Apóstolo Paulo e, logo no seu começo da reflexão está desenvolvida uma reflexão sobre a construção das fontes que possibilitam uma construção do perfil identitário do Apóstolo Paulo.

Tal reflexão é central na presente investigação sobre o movimento de mudança de perseguidor dos cristãos para anunciador do Evangelho. Os pontos principais desenvolvidos neste capítulo foram:

- a) Uma aproximação bibliográfica de Paulo, levando em considerando as fontes disponíveis e a partir dessas, buscou-se entender o contexto cultural em que Paulo está inserido e quais as consequências diretas do mesmo para formação de sua identidade tanto antes como após sua conversão;
- b) O processo de conversão em si: de Saulo a Paulo, cuja descoberta importante consiste em identificar que a grande questão a ser entendida não é a minimização da sua conversão ou chamado, mas sim, assimilar o que foi a sua experiência no caminho de Damasco que, posteriormente, o próprio Paulo interpretou como um chamado específico, uma vocação e título a ele outorgado por Cristo em primeira pessoa, sendo essa a fonte divina da sua própria vocação, contrastando assim, uma vida anterior como judeu convicto (cf. Fl 3,4-6) e perseguidor do caminho (cf. Gl 1,13; At 9,1) e sua nova vida como apóstolo para os gentios, considerando-se inclusive, exemplo para muitos cristãos;
- c) E, por fim, apresentou-se Paulo, como Apóstolo e, em especial, apóstolo dos gentios. Nesse último ponto, ficou evidenciando que, apesar de Paulo não ter tido contato direto com Cristo, pela experiência pessoal com o Ressuscitado, ele se compreende como apóstolo de Jesus Cristo com o firme mandato de ir e anunciar o evangelho aos gentios com a missão conduzir a todos esses, à obediência da fé (cf. Rm 1,5).

Tendo traçado até aqui este itinerário de reflexão, se faz necessário um passo seguinte, um olhar mais atento as reais motivações de Paulo em chegar às terras

pagãs. Motivado por esse propósito, o próximo capítulo discorrerá sobre o projeto missionário de Paulo.

CAPÍTULO II

O PROJETO MISSIONÁRIO DE PAULO

Paulo, sem dúvidas não era o único propagador da fé no seu tempo. Com toda certeza, havia mais evangelizadores que caminhavam à par com ele. Entre eles, podemos reconhecer os mesmos apóstolos, que após terem recebido o mandato missionário, puseram-se a pregar por toda parte (cf. Mc 16,20a). No entanto, a expansão do cristianismo no primeiro século sempre tem sido atribuída à Paulo. A partir das fontes paulinas, sabemos que ele nunca agiu sozinho, revelando-nos assim, uma dimensão comunitária na evangelização e na fundação de igrejas.

Esse capítulo divide-se em três partes: As equipes Paulinas e a sua Dimensão Comunitária; As Igrejas fundadas por Paulo; A intenção missionária das cartas paulinas. A primeira parte apresenta como Paulo auxilia-se de diferentes pessoas para criar um projeto missionário a partir de uma rede de colaboradores que facilitam tanto a chegada quanto a vivência do evangelho nas suas respectivas comunidades. Já a segunda parte, expõe a realidade das Igrejas fundadas por Paulo, ressaltando alguns pontos importantes: o contexto concreto do cristianismo nascente em que essas comunidades são criadas e os desafios de se construir uma fé autêntica em meio a uma realidade de experiência de fé polarizada. E por fim, na terceira parte, analisamos o teor missionário contido nas cartas paulinas, buscando entender quais são as características teológicas utilizadas em cada uma das cartas, considerando que essas são dirigidas a comunidades distintas.

Dito isso, esse segundo capítulo tem, por objetivo, traçar um panorama geral sobre o projeto missionário de Paulo apontando assim, quais são as ferramentas e meios que o Apóstolo se utiliza não só para criar o projeto, mas também, para torná-lo realidade.

2.1. As equipes Paulinas e sua Dimensão Comunitária

A dimensão comunitária da missão compreende, a partir do espírito paulino, ter consciência que é o Espírito Santo quem anima a missão (cf. At 13, 46-48) distribuindo os dons e carismas (cf. 1Cor 12) e a vivência da comunhão entre os cristãos, o que incentiva as diversas vocações e carismas que a Igreja possui. Assim, a Igreja

organiza-se em estruturas sempre mais participativas, construindo o corpo de Cristo (Cf. Rm 12,5), sinal da comunhão dos homens com Deus e dos homens entre si.

Ellis³¹ aproxima-nos à compreensão da dimensão comunitária da missão, a partir do entendimento que Paulo tinha dos colaboradores que o auxiliavam, desde seus ministérios dentro das igrejas, nas diferentes comunidades às quais Paulo escrevia ou visitava.

“Nos Atos e nas cartas paulinas, cerca de cem indivíduos, sob uma variedade de títulos e atividades, associam-se ao apóstolo em algum ponto de seu ministério. Participam de sua pregação, de seu ensinamento e de seus escritos, e definem a obra do apóstolo como ‘ministério colaborador’”³²

Conforme o citado acima, a partir das fontes, vemos como Paulo se utiliza de diferentes pessoas para criar um projeto missionário a partir de uma rede de colaboradores que facilitam tanto a chegada quanto a vivência do evangelho. Esses colaboradores, participam do trabalho missionário junto com Paulo (cf. Cl 4,7; 1Cor 3,5-9; 1Cor 16,15-18; Rm 16,3-5; Fm 24; Fl 2,25; 2Cor 8,23) formando uma única Igreja, corpo de Cristo.

O autor salienta a participação destes colaboradores na pregação de Paulo às igrejas fundadas, assim como dos seus ensinamentos e escritos que tem como intuito não somente evangelizar, senão também, corrigir algumas condutas e procedimentos das mesmas usando a consciência (cf. Rm 2,15; 13,5; 1Cor 8,7-12; 10,25-29; 2Cor 4,2; 5,11-14; 2Tm 1,3; At 24,16) e, também, instruem às igrejas no que diz respeito ao modo de agir perante certos escândalos (cf. 1Cor 5; 6,1-11.12-19; 7; 11,28-34). Seus ensinamentos tem um tom de exortação parenética (cf. Rm 12,1-15,13; Gl 5,1-6,10; 1Ts 4,1-5,22; Cl 3,1-4,6; Ef 4,1-6,20; 1-2Cor; Fl).

Quando o autor menciona “ministério colaborador”, devemos compreender a partir dos diferentes serviços que dentro da Igreja já existiam, tais como: colaborador, irmão, ministro e apóstolo³³, dentre os quais, os colaboradores sempre acompanhavam a Paulo e participavam de sua missão de diversas maneiras, desde simples companhias

³¹ Cf. ELLIS, E. Earle. Colaboradores, Paulo e Seus. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2008, pp. 232-239.

³² *Ibid.* p. 232.

³³ Cf. *Ibid.* p. 234.

até acolhida nas casas, também como associados na pregação e no ensino como colaboradores nos escritos³⁴.

Como temos visto, Paulo não cumpre suas funções de missionário só, senão ele, a partir dos carismas e qualidades dos cristãos, os chama para fazerem parte da pregação do Evangelho pondo-se a serviço dele. Fabris, partindo dessa compreensão, nos esclarece:

“Para exprimir a sua concepção do empenho a serviço do Evangelho, Paulo escolhe o léxico e as imagens do ‘trabalho’. Ele chama os proclamadores itinerantes do Evangelho de *ergátai*, ‘operários’ (2Cor 11,23; Fl 3,2). Eles trabalham juntos, como um grupo ou um pelotão enfileirado a serviço de Deus. São *synergoí*, ‘colaboradores’ de Deus (1Cor 3,9; 2Cor 6,1). Paulo prestigia e recomenda os colaboradores que o ajudam no anúncio do Evangelho (Rm 16,3.9.21; 2Cor 8,23; Fl 2,25;4,3; 1Ts 3,2). Considera essa atividade um duro trabalho e um esforço (1Cor 3,8; 15,10; 2Cor 6,5; 10,15; 11,23.27; Gl 6,11; Fl 2,16; 1Ts 2,9; 3,5). Trata-se de construir a comunidade sobre o sólido fundamento e cuidar de sua formação para que possa resistir às provações. Aos cristãos de Corinto pede que considerem os pregadores do Evangelho *hyperhétai*, ‘servidores’ de Cristo, e *oikónomoi*, ‘administradores’ dos mistérios de Deus (1Cor 4,1)”³⁵

Diante disso, podemos perceber que ambos os autores acima mencionados, concordam que Paulo e seus colaboradores, a partir dos seus ministérios e carismas específicos, criaram uma rede de trabalho na finalidade de chegar mais perto das comunidades. Decorrente, os colaboradores dão uma dimensão comunitária à missão de Paulo, exercendo assim, papéis de lideranças nas Igrejas com a intenção de educar e edificar as igrejas fundadas (cf. 1Cor 4,17; 2Cor 8).

Paulo, ao confiar no trabalho dos colaboradores, formava as lideranças a partir da comunidade doméstica fundada (cf. 1Cor 16,19; Rm 16,5; Fm 2; Rm 16,14s.23; At 12,12; 18,7; Cl 4,15) e nelas, os seus colaboradores assumiam o trabalho missionário com estruturas próprias. Na primeira carta aos tessalonicenses, por exemplo, Paulo nos permite ver como esses colaboradores, missionários como ele, possuem qualidades que os tornam modelos para outras comunidades e os demais fiéis (cf. 1,6-8). Essa concepção de comunidade doméstica, deixa em evidente o projeto de Paulo de evangelização. Ele, ao fundar uma Igreja, podemos perceber nessa carta,

³⁴ Cf. *Ibid.* pp. 237-239.

³⁵ FABRIS, Rinaldo. *Tudo pelo Evangelho. A personalidade, o pensamento, a metodologia de Paulo de Tarso*. São Paulo: Loyola, 2010, pp. 53-54.

destaca as condições do discipulado que leva à comunidade ser, além de discípula, missionária. Entre as condições do discípulo-missionário podemos destacar: a coragem de anunciar o Evangelho mesmo nas tribulações (cf. 2,2); a reta mortificação que leva o discípulo-missionário a viver na simplicidade sem vanglória (cf. 2,3-6); a simplicidade e bondade humana que é oblativa e acolhedora (cf. 2,7-8); a gratuidade e o estar disponível sempre para a pregação do Evangelho (cf. 2,9); a sinceridade que leva a ser autêntico no combate contra a hipocrisia, uma sinceridade de vida (cf. 2,10); e, finalmente, a condição de saber interpelar a cada novo cristão a partir da realidade pessoal de cada um (cf. 2,11-12). Tudo isso, oferecia às comunidades uma coragem ímpar sobre como acolher o Evangelho e como levá-lo aos outros, sem a presunção de ser melhor do que o outro.

Dessa forma, as igrejas reafirmavam sua dimensão comunitária como missionária, vivendo assim o sucesso da missão, pois, as comunidades ao serem “pequenas unidades, de um tamanho que permitia o conhecimento e o contato pessoal, com uma alta participação social, emocional e intelectual dos membros”³⁶ fazia com que essas comunidades expressassem de fato, o projeto paulino de serem corpo de Cristo, vivendo, no geral, a unidade e fraternidade.

Embora o grande forte sejam as comunidades domésticas, Paulo não só focava seu trabalho missionário nelas, senão também, em outras tantas realidades, devido à liberdade que ele possuía pela sua condição de cidadão romano. Paulo finalmente formava seus colaboradores instruindo-os para atuar como se fosse ele mesmo quem atuasse na missão (cf. 1Cor 16,10) fazendo-os assim, fiéis ao seu pensamento e sua teologia.

2.2. As Igrejas fundadas por Paulo

Dentre seus colaboradores, como já mencionamos, existe uma rica variedade de carismas e funções entre eles, os quais, possuem atividades diferentes, conforme a necessidade de cada Igreja fundada. Paulo na sua atividade missionária, perante a necessidade de pregar o Evangelho entre os pagãos, fundou inúmeras comunidades no intuito de criar Igrejas para a vivência da Palavra de Deus. Sendo assim,

³⁶ SCHNELLE, 2010, p. 187.

encontramos no Novo Testamento as comunidades mais emblemáticas, e talvez mais importantes, que Paulo fundou.

Estas comunidades, situadas no contexto concreto do cristianismo nascente, possuem grandes dúvidas sobre a fé por Paulo e seus colaboradores propagada. À vista disto, Paulo na tentativa de esclarecer as dúvidas e corrigir certas atitudes e vivência da fé, assim também como pedir auxílio econômico, agradecer e elogiar, escreve cartas às comunidades, criando dessa maneira, um epistolário que nos aproxima às Igrejas fundadas por ele.

Nesse tópico, aprofundaremos somente quatro Igrejas fundadas por Paulo segundo as Cartas Autênticas e Deutero-Paulinas canônicas dirigidas às comunidades. A saber: Igrejas da Galácia, Filipos, Tessalônica e Corinto.

2.2.1 Igrejas da Galácia

Distintamente das outras fundações de Paulo, encontramos em Galácia um conjunto de Igrejas fundadas não só por Paulo, senão por outros missionários. Paulo nos deixa claro que ele escreve às “Igrejas da Galácia” (Gl 1,2) devido à comum divisão que ele mesmo usava conforme as províncias por onde passava, sendo assim, encontramos as “Igrejas da Ásia” (1Cor 16,19), as “Igrejas da Macedônia” (2Cor 8,1) e da “Acaia” (2Cor 9,2), entendendo, portanto, que Paulo fundou mais de uma Igreja na Província da Galácia, que compreendia desde o Ponto no Norte, até a Panfília no Sul³⁷.

A fundação destas Igrejas na Galácia, deve-se provavelmente à viagem que ele fez à região da Galácia para tratar a mesma doença que Paulo adquiriu em Coríntio (cf. 2Cor 12,7). Ao chegar, ele foi bem acolhido, de maneira que Paulo reconhece e exalta dita acolhida (cf. Gl 4,19) e generosidade (cf. Gl 4,15). A comunidade gálata além de acolher Paulo, acolhe o anúncio evangélico do apóstolo, prolongando, portanto, a sua estadia na região, formando novas comunidades cristãs.³⁸

Em vista disso, podemos compreender que Paulo não tem a intenção de realizar uma viagem missionária na Galácia, senão por saúde, o que acaba em fundação de novas Igrejas na região da Galácia. Devido à boa recepção do Evangelho, Paulo

³⁷ Cf. HANSEN, G. Walter. Gálatas, Carta aos. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2008, pp. 583-586.

³⁸ Cf. FABRIS, 2006, pp. 274-276.

aproveita para semear a ideia de liberdade em Cristo no intuito deles não voltarem ao paganismo (cf. Gl 5,1). A partir disso, podemos destacar que a maior parte da sua população era gentil (cf. Gl 4,8) e Paulo evangelizou-os a partir da estreita relação de outrora com a escravidão aos costumes pagãos.

“Os gálatas são descendentes de celtas que penetraram por volta de 279 a.C. a Ásia Menor e se assentaram na região em torno da atual cidade de Ancara. No ano 25 d.C., a região da Galácia tornou-se parte de uma *provincia Galatia*, na qual foram integradas também partes das regiões situadas mais ao sul, como a Pisídia, a Licaônia, a Paflagônia, o Ponto Galático e (temporariamente) a Panfília”³⁹

Conforme Schnelle⁴⁰ “Os gálatas eram em sua maior parte gentio-cristãos (cf. Gl 4,8; 5,2s; 6,12s) e pertenciam provavelmente à população urbana helenizada [...] o efeito inicial da mensagem paulina acerca da liberdade aponta para círculos interessados numa emancipação cultural e religiosa” sendo assim, temos duas realidades pagãs da qual Paulo não se interessava no início, devido a sua ida por saúde e não no intuito primeiro de missionário. Isto nos deixa em evidente a prontidão de Paulo para agir mesmo em situações inesperadas ou até não planejadas. O Apóstolo apresenta-se dócil à ação do Espírito, acolhendo a missão na Galácia.

2.2.2 Igreja de Filipos

Segundo Hawthorne⁴¹ o apóstolo Paulo chega a Filipos numa realidade totalmente voltada ao orgulho de ser cidadãos romanos e a liberdade que possuem. Sendo uma colônia romana reconstruída por Otaviano após ser destruída por guerras, serve como ponto estratégico para semear o Evangelho numa cidade importante, embora pequena, para assim, poder espalhá-lo mais facilmente às outras cidades vizinhas. Paulo consegue, portanto, por meio de Filipos, entrar na Europa encontrando gregos macedônios e alguns poucos judeus que seguiam as leis romanas e os seus costumes.

³⁹ SCHNELLE, 2010, p. 331.

⁴⁰ *Ibid.* p. 336.

⁴¹ HAWTHORNE, Gerald F. Filipenses, Carta aos. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2008, p. 557.

Timóteo e Silas figuram como os colaboradores que acompanharam Paulo na fundação da Igreja de Filipos (cf. At 16,11-40), os quais, tiveram que deixar a cidade devido à difamação e hostilidade que encontraram (cf. Fl 1,29-30; 1Ts 2,2). No entanto, aqueles que abraçaram a fé em Cristo, mostraram-se fiéis à mensagem do apóstolo e seus colaboradores e, tornaram-se também assíduos colaboradores arrecadando recursos econômicos para outras missões de Paulo (cf. Fl 4,10-20; 2Cor 8,1-5;11,9), assim também os missionários (cf. 2,25-30).⁴²

De acordo com o exposto acima, ambos os autores concordam em elogiar a fundação paulina, a qual acolheu o Evangelho desde o começo da pregação de Paulo (Fl 1,5). Paulo preocupa-se pela caminhada dessa comunidade, encorajando-os a viver a alegria e a humildade em Cristo, regozijando-se com Ele. Paulo observa na comunidade de Filipos a vida cristã coerente e fiel e sente a necessidade de agradecer pelos donativos recebidos em várias ocasiões.

“Entre as mulheres que ouvem Paulo há uma senhora que se destaca pelo seu modo de vestir. Seu olhar atento revela o seu grande interesse diante das palavras de Paulo. Chama-se Lídia [...] vive em Filipos, é natural da cidade de Tiatira. Na colônia romana ela exerce sua atividade no comércio de tecidos de luxo. De fato, ela é comerciante de púrpura [...] é provável, portanto, que se trate de uma pessoa abastada, ou até mesmo rica. [...] a conversão de Lídia ao Evangelho marca o nascimento da Igreja de Filipos”.⁴³

Dessa forma, percebemos como a pregação de Paulo capta novos fiéis de toda classe social, cultura e sexo. Paulo foca a fundação das Igrejas em cidades estrategicamente localizadas, as quais servem como porta de entrada a todas as regiões dos “confins da Terra”, com a única finalidade de atingir os pagãos de todas as nações.

2.2.3 Igreja de Tessalônica

Paulo, junto dos seus colaboradores Silvano e Timóteo (cf. 1Ts 1,1) compõem a equipe fundadora da Igreja de Tessalônica. Esta cidade da província Romana da Macedônia, compreende-se como uma importante e estratégica cidade na Via

⁴² Cf. BARBAGLIO, Guiseppe. *As Cartas de Paulo (II) Tradução e comentários*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2009, pp. 353-355.

⁴³ FABRIS, 2006, pp. 303-304.

Egnatia, a qual ligava a Ásia Menor ao Mar Adriático, sendo considerada como um importante polo comercial e, por conseguinte, militar. Tessalônica contava com uma sinagoga judaica (cf. At 17,1) e muitos gentios, compondo assim, o cenário onde Paulo e seus colaboradores agiriam.⁴⁴

Após a fundação da Igreja de Filipos, Paulo dirigiu-se com seus colaboradores a Tessalônica num clima complexo de judeus da diáspora, no entanto, encontraram rapidamente adeptos ao Evangelho, criando assim, a comunidade dos tessalonicenses (cf. At 17,14; 1Ts 2,1-16). Não passou muito tempo da fundação, até que Paulo junto com Silvano e Timóteo, precisaram sair da cidade ao serem expulsos pelas autoridades em meio de hostilidade e rejeição por parte da comunidade judaica (cf. At 17,5-10).⁴⁵

Em concordância com o exposto anteriormente, Paulo, Silvano e Timóteo embora conseguiram rapidamente encontrar homens e mulheres sedentos de Deus, encontraram também, na comunidade judaica, pessoas que rejeitaram a mensagem evangelizadora de Paulo e esses, conseguiram expulsá-los, também rapidamente, de Tessalônica. Paulo encontra-se com uma comunidade adoradora de Deus e grega que se uniram à fé cristã (cf. At 17,4), tendo a obrigação missionária de além de anunciar o kerygma, definir as condições do discipulado cristão, como visto anteriormente. Paulo também se orgulha da Igreja de Tessalônica, pois, partindo deles “se divulgou a Palavra do Senhor, não apenas pela Macedônia e Acaia, mas propagou-se por toda parte a fé que tendes (têm) em Deus” (1Ts 1,8), tornando-a uma Igreja fiel aos desígnios do Espírito, o qual não pode ser extinto (cf. 1Ts 5,19a).

A Igreja tessalônica, “pode-se dizer que era constituída – de modo predominante, mas não exclusivo – por convertidos do paganismo (1Ts 1,9). Portanto, uma comunidade diferente das Igrejas dos convertidos do judaísmo (como, por exemplo, de Jerusalém) e das comunidades mistas, como era a de Antioquia da Síria. Eles tinham chegado à nova fé aderindo ao Deus único, conhecido e já confessado pelos hebreus, e ao seu Filho Jesus Cristo: fé monoteísta e cristã (1Ts 1,9-10).”⁴⁶

⁴⁴ Cf. SIMPSON, Jhon W. Jr. Tessalonicenses, Carta aos. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2008, pp. 1191-1194.

⁴⁵ Cf. BARBAGLIO, 1989, p 64.

⁴⁶ *Ibid.* p. 65.

A Igreja de Tessalônica, pelo fato de ter acolhido o Evangelho rapidamente, torna-se uma comunidade com sólidas convicções, no entanto, com o passar do tempo, ela começa a questionar assuntos sobre a fé, assuntos teológicos (cf. 1Ts 4,9.13; 5,1) e sobre a atuação salvífica de Deus (1Ts 5,24) à luz da Parusia (cf. 1Ts 1,9s; 2,19; 3,13; 4,13ss; 5,23) visto, pois, que ela era composta prioritariamente por gentio-cristão (cf. 1Ts 1,9; 2,4) e, possivelmente, tinham já uma compreensão helênica do termo Parusia.⁴⁷

2.2.4 Igreja de Corinto

Assim como muitas das Igrejas por Paulo fundadas, a Igreja de Corinto era uma comunidade composta por muitos pagãos, especificamente nesta comunidade, cultuavam ídolos pagãos (1Cor 8,7; 12,2) e participavam em festas nos templos dos mesmos ídolos (1Cor 8,1). Paulo encontra-se em uma das cidades mais importantes do atual Império Romano, com uma grande influência helênica e judaica, sendo, portanto, uma cidade rica em culturas, filosofias e religiões⁴⁸.

Corinto, por ser uma cidade pluralista, oferecia a Paulo uma comunidade também pluralista, contendo judeus e gregos, escravos e livres (cf. 1Cor 12,13). É essa a comunidade, onde Paulo deve pregar o Evangelho usando imagens e simbolismos das mesmas culturas para poder explicar Jesus Cristo de forma mais simples e coesa para eles. Sendo assim, Paulo se depara com um contexto totalmente pagão, não encontrando espaço público para uma religião ainda não reconhecida, e, por isso, vê-se na obrigação de fazer as reuniões nas casas dos fiéis⁴⁹.

Em concordância com o justificado acima, pelo fato da comunidade de Corinto estar situada em uma das cidades mais importantes do Império Romano, a qual orgulhava-se de uma comunidade importante de judeus que exerciam o direito de governar seus negócios internos (cf. At 18,8.17)⁵⁰, Paulo tinha o grande desafio de poder alcançar todas as realidades, sendo assim, ele pregava em lugares específicos, muitas das vezes do lado de sinagogas (cf. At 18,7) para poder assim, chegar mais perto dos judeus, onde, muitos ouvindo a Paulo, abraçaram a fé (cf. At 18,8).

⁴⁷ Cf. SCHNELLE, 2010, pp. 209-217.

⁴⁸ Cf. HAFEMANN, S. J. Coríntios, Carta aos. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2008, pp. 280-282.

⁴⁹ *Ibid.* p. 282

⁵⁰ Cf. *Ibid.* p. 281.

“Paulo ficou aí por um longo período: um ano e meio (At 18,11). Anunciou o evangelho de Jesus Cristo na sinagoga e, especialmente aos pagãos. Nasceu uma numerosa e fluorescente comunidade cristã, composta sobretudo por pagãos. Pode-se dizer, na verdade que em Corinto verificou-se um encontro entre fé cristã e helênica [...] Pessoas de matriz étnica e cultural própria de um novo mundo, congregadas em torno do anúncio de Cristo morto e ressuscitado, empenharam-se em inserir em suas vidas o mesmo evangelho pregado na Palestina por Jesus aos apóstolos.”⁵¹

Conforme citado, Paulo conseguiu num centro urbano pluricultural, fundar uma Igreja que “superou, assim, as barreiras do mundo judaico, firmando-se como mensagem universalista”⁵². A comunidade fundada, conseguiu agir, pelo menos em 1 Coríntios, conforme a vontade evangélica de Paulo, ser um único corpo em Cristo, embora sejam muitos os dons pelo Espírito distribuído (cf. 1Cor 12,4-11) mesmo com problemas de divisão entre os fiéis (cf. 1Cor 11,18).

Em relação a 2Coríntios, encontramos a defesa que Paulo faz de si mesmo e o ataque aos opositores, com o intuito de defender a comunidade de falsos apóstolos que pregavam um cristianismo fora do evangelho por ele e seus colaboradores pregado (cf. 2Cor 11,4)⁵³.

2.3. Intenção missionária das cartas paulinas

À luz das fundações paulinas acima abordadas, Paulo nas suas cartas elabora uma teologia característica de cada Igreja, feita a partir de metáforas e símbolos significativos para os fiéis de cada Igreja de maneira que a mensagem chegue da melhor maneira, podendo assim, sanar todo tipo de inquietação ou dúvidas. Sendo assim, Paulo tratará nas suas cartas de temas específicos, os quais, nos ajudam a compreender algumas características tanto das Igrejas paulinas como do seu pensamento.

“[...] ao caráter ocasional das cartas corresponde o caráter ocasional do pensamento teológico de Paulo. Em outras palavras, sua sala de epistológrafo é o mesmo lugar em que elabora sua teologia. Ele faz teologia ao se comunicar por carta com suas comunidades. Em seus

⁵¹ BARBAGLIO, 1989, p.136.

⁵² *Ibidem*.

⁵³ Cf. *Ibid.* pp. 379-394.

escritos não expõe uma teologia pré-embalada, escolhendo capítulos adaptados às circunstâncias, mas elabora seu pensamento em função da necessidade de falar a seus interlocutores e com o desejo de influenciar eficazmente o espírito e a vontade deles.”⁵⁴

O autor deixa claro que Paulo escreve a partir de problemáticas pontuais que cada comunidade possui sobre algum tema em específico, caracterizando assim, sua teologia como ocasional. Paulo na tentativa de responder às comunidades auxilia-se das Sagradas Escrituras, trazendo à tona, elementos veterotestamentários para explicar Jesus Cristo, visto que, em grande parte das comunidades encontram-se fiéis que vêm da diáspora judaica.

Paulo ao comunicar o Evangelho, propaga não só uma teologia ocasional, senão também, forma imagens claras para todos os fiéis provenientes dos mais diversos polos culturais. Para Paulo, é de suma importância poder sempre se comunicar com os fiéis, pois é por meio deles, que ele pode continuar seu projeto missionário de ser uma luz para as nações (cf. At 13,47).

Nesta intenção de se comunicar com os fiéis das suas Igrejas, ele demonstra por meio de exortações (cf. 1Cor 1,10; 1Ts 5,14), advertências (cf. 1Cor 15,12), repreensões (cf. Tt 1,13), ou mesmo louvores (cf. 2Cor 9,3), consolações (cf. 1Ts; Tm 4,13) e encorajamentos (cf. 1Ts 5,12-13) o zelo tanto em pastorear como em alcançar a santidade vivendo conforme a vontade de Deus, preocupando-se por eles como uma mãe por seus filhos (cf. 1Ts 2,1-12; 1Cor 4,14-16; 2Cor 12,14; Gl 4,9).

“Paulo desenvolve a reflexão teológica no contexto da sua atividade pastoral e missionária. No diálogo com os seus colaboradores, aprofunda as razões do compromisso missionário universal. O confronto com aqueles que não compartilham seu método de evangelização o leva a determinar a relação entre o Evangelho e a ‘lei’ mosaica. Para traçar um plano de vida para as jovens comunidades cristãs, Paulo se defronta com o ambiente cultural judaico e greco-romano. Nas suas cartas, nascidas como instrumento de comunicação com as Igrejas, se reflete a ‘teologia’ de Paulo no estado nascente.”⁵⁵

Por consequência da intenção pastoral de Paulo, ele abordará inúmeros temas que levarão às comunidades a refletir teologicamente sobre assuntos importantes

⁵⁴ Barbaglio G. in. DETTWILER, Andreas; KAESTLI, Jean-Daniel; MARGUERAT, Daniel (ORGS.) *Paulo, uma teologia em construção*. Loyola, São Paulo. 2011, p. 87.

⁵⁵ FABRIS, 2010, p. 74.

para a fé, entre eles, Paulo trabalha principalmente a pregação do Messias crucificado (cf. 1Cor 1,23), dando assim, uma dimensão cristocêntrica e pneumatológica das comunidades. Entre outros assuntos, Paulo também escreve sobre o amor fraterno (cf. 1Cor 16,14; Gl 5,22s; Cl 3,12.14), o perdão (cf. Rm 3,25; 2Cor 2; Cl 3,13; Ef 4,2) e a solidariedade econômica (cf. 2Cor), temas que permeiam não só suas cartas, mas também, refletem a realidade de cada comunidade.

Em vista disso, Paulo pretende chegar a todas as comunidades já fundadas, traçando um plano de evangelização onde o amor fraterno deve prevalecer entre os membros das comunidades e entre as Igrejas (cf. Gl 6,10). A propósito disto, Bento XVI diz: “[...] para todos os homens vale a atitude do ‘amor’ (*ágape*), mas somente o irmão, ou seja, o cristão, tem direito ao ‘amor fraterno’ (*filadelfia*)”⁵⁶, sendo assim, podemos supor que Paulo não só escreverá às comunidades com o propósito de fazer chegar uma determinada mensagem, mas também, na intenção missionária de criar um perfil correto do cristão (cf. Jo 13,35).

Conforme Mohrlang⁵⁷ “para Paulo, amar os outros é a característica mais importante da vida cristã e o centro do modo de vida cristã. Tudo que fazemos deve ser expressão de amor (1Cor 16,14)”, dessa forma, entendemos claramente que Paulo quer passar ideia a todas as Igrejas paulinas, unificando, talvez, dessa maneira a forma que o cristão deverá viver, pois, esse amor deve brotar da relação que o fiel tem com Jesus Cristo (cf. 1Tm 1,14; 2Tm 1,13), infundido pelo Espírito Santo (cf. 2Tm 1,7).

De acordo com o explicado acima, as comunidades paulinas são estimuladas a viverem no amor fraterno, como expressão da relação deles com Jesus Cristo, entendendo este amor como dom que vem do Espírito Santo, sendo expressão concreta de Deus por nós.

2.4. Conclusão

Neste capítulo foram desenvolvidos os seguintes pontos: o projeto missionário de Paulo; a formação das equipes paulinas e suas respectivas dimensões comunitárias;

⁵⁶ BENTO XVI, Papa. *Paulo: os seus colaboradores e as suas comunidades*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 61. (Coleção Catequese do Papa)

⁵⁷ MOHRLANG, Roger. Amor. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2008, p. 67.

as Igrejas fundadas por Paulo; e, por fim, um olhar sobre a intenção missionária das cartas paulinas.

Ao falar sobre o projeto missionário de Paulo, a partir das suas equipes formadas e de sua dimensão comunitária específica, frisou-se que, Paulo, ao poder confiar no trabalho dos colaboradores, ele formava as lideranças a partir da comunidade doméstica fundada, possibilitando que o trabalho missionário tenha uma estrutura própria, oferecendo assim, condições de se uma evangelização que atingisse as pessoas a partir de sua própria realidade.

Sobre o processo das Igrejas fundadas por Paulo, destacou-se, a partir de cada uma delas, características próprias e desafios distintos, próprios do contexto cultural de cada uma delas, porém, ao olhar para todas as comunidades, foi possível identificar, que há em todas, muitas dúvidas sobre a fé e como vivê-la. Perante tais desafios, Paulo e seus colaboradores, apresentam uma ação evangelizadora rica de carismas que vão de encontro às necessidades específicas dessas comunidades.

No que diz respeito a intenção missionária das cartas paulinas, buscamos aqui, frisar que Paulo escreve a partir de problemáticas pontuais que cada comunidade possui e, por isso, vemos que sua teologia é construída a partir de temas específicos. Destacamos ainda que, em sua reflexão teológica, Paulo utiliza-se das Sagradas Escrituras, trazendo à tona elementos veterotestamentários para falar de Jesus Cristo, entendo que, na grande parte das suas comunidades, encontram-se fiéis que vêm da diáspora judaica. É oportuno ainda, destacar que, devido a pluralidade cultural das comunidades em que Paulo atua, exige que ele se utilize de imagens e linguagem claras, para que o evangelho se traduza de modo eficaz e atinge de modo efetivo à vida das pessoas dessas comunidades.

O objetivo de desenvolver neste capítulo uma abordagem sobre o projeto missionário de Paulo foi de demonstrar como tal caminho feito por ele e seus colaboradores foi e é de fundamental importância para a vida da Igreja nascente, pois na sua atuação missionária e de seus colaboradores, vemos uma abertura clara e efetiva desses, em deixar o Espírito Santo agir em suas vidas, gerando assim, por meio de suas ações, frutos de conversão e novas comunidades cristãs nascerem.

No próximo capítulo, será feita uma reflexão direcionada aos colaboradores de Paulo no seu projeto missionário, buscando entender qual o papel desses e sua importância no projeto missionário de Paulo.

CAPÍTULO III

PAULO E SEUS COLABORADORES

Como visto anteriormente, Paulo auxilia-se dos seus colaboradores para criar uma rede missionária eficiente, onde a partir dos seus carismas particulares e específicos, chegam mais perto das comunidades fundadas. A participação dos colaboradores na pregação de Paulo, facilita a chegada viva e eficaz do Evangelho às comunidades, incentivando e animando novas vocações e carismas, numa estrutura mais participativa e comunitária.

Fazer uma reflexão teológica sobre os colaboradores de Paulo, se faz necessário, não só para entender como esses foram grandes facilitadores de sua missão, mas também, para perceber, como esses tornaram-se os continuadores desse projeto missionário. Isto é, o olhar para Paulo e seus colaboradores, tornar-se o olhar da ação de Deus na história salvífica da humanidade que, se utiliza desses homens (guiados pelo Espírito Santo) para dar continuidade à construção do Reino de Deus. Para cumprir essa tarefa, o presente capítulo, fará uma análise reflexiva, partindo de tais pontos: definição e tipo de colaboradores; mulheres colaboradoras; homens colaboradores.

3.1 Definição e tipos de colaboradores

Ao falar sobre a definição e dos tipos de colaboradores de Paulo, é preciso destacar que, tanto nos Atos dos Apóstolos como em suas próprias cartas, aparecem “cerca de cem indivíduos, sob uma variedade de títulos e atividade, associam-se ao apóstolo em algum ponto do seu ministério”⁵⁸. Existe uma longa lista de nomes que Paulo menciona na sua carta aos Romanos (Cf. Rm 16,3ss), os quais, segundo Manjaly⁵⁹, são homens e mulheres, leigos e ministros ordenados, que proveem do judaísmo e comunidades pagãs, deduzindo que existe uma forte afluência de cristãos vindos do oriente do Império à comunidade Romana⁶⁰. Ellis⁶¹ nos apresenta também

⁵⁸ ELLIS, 2008, p. 232.

⁵⁹ Manjaly, Thomas. *Paul's Ways of Community Building* (Version 1.0). Jnanadeepa: Pune Journal of Religious Studies, Jan-Dec 2009 (12/1-2). p. 227. Disponível em: <http://doi.org/10.528/zenodo.4268645>. Acesso em: 30 mar. 2022.

⁶⁰ Cf. SCHNELLE, 2010, pp. 381-384.

⁶¹ Cf. ELLIS, 2008, pp. 232-239.

uma grande lista de colaboradores do Apóstolo, os quais divide em uma variedade de títulos e ministérios. No entanto, as mais frequentes, segundo o mesmo autor, são: Colaborador, Irmão, Ministro e Apóstolo.

3.1.1 Colaboradores

O termo colaborador (*synergos*) apresenta em sua epistemologia, expressões idiomáticas que representam grupos ou classes de pessoas que prestavam apoio ao apostolado de Paulo. Tais pessoas, é preciso dizer, não eram enquadradas no grupo geral dos fiéis, pois essas, a partir de seus dons espirituais, exerciam um ministério específico de apoio ao trabalho missionário de Paulo. Sobre esses, grupos de colaboradores, Ellis vai dizer que,

“Alguns associados de Paulo são denominados colaboradores ‘de Paulo’ ‘em Cristo’ e para a comunidade cristã (Rm 16,3.9.21; 2Cor 8,23; Fl 2,25). Há também colaboradores ‘com Deus’ (1Cor 3,9; 1Ts 3,2), a serviço de Deus, embora sejam ‘servos’ (*diakonoi*), ‘cada um receberá seu salário de acordo com seu próprio trabalho’ (1Cor 3,8). Colaboradores, operários (*ergatai*) e ‘os que trabalham’ são (*hoi kopiōntes*)”⁶².

Ao olhar para esses diversos colaboradores, é possível identificar que no exercício do seu ministério, Paulo quase sempre teve um colaborador com ele exercendo alguma atividade. Por exemplo, nas suas viagens, os colaboradores aparecem, na maioria das vezes, como seus condutores (cf. At 9,30; 21,16; 27,1; 28,15), mas que também, auxiliavam em algumas tarefas (cf. Gl 2,1; At 11,30; 15,2; 19,29) e, outros ainda, o acompanharam na visita da coleta a Jerusalém como representantes das várias Igrejas (cf. 1Cor 16,3-4; 2Cor 8,19; At 20,4-6).

É possível ainda identificar outros tipos de colaboradores: os fiéis das cidades por onde Paulo passava, que não só o acolhiam em suas casas, mas também, as cediam para a realização dos cultos locais (cf. Rm 16,3-5.13.15-16; 1Cor 16,19; Cl 4,15; Fm 2; At 16,14-15; 17,5-7; 18,2-3.7); os que tinham talento para pregar e ensinar (cf. Rm 12,6-8; 1Cor 12,28; Gl 6,6; Ef 4,11) os que ajudavam como secretários e com as suas cartas (cf. Rm 16,22; At 15,22-23). Ao analisar a participação dos diversos grupos dos

⁶² *Ibid.* 232.

colaboradores de Paulo em sua missão, “está claro que eles eram fator essencial para sua realização e que mesmo as cartas paulinas não eram um empreendimento individual. [...] esses missionários merecem a atenção respeitosa dos estudiosos de Paulo”⁶³, pois o próprio Paulo, sentia prazer em elogiar e chamar as pessoas desses grupos de seus colaboradores.

3.1.2 Irmãos

Antes de falar sobre a raiz etimológica da palavra irmão, como sendo um dos grupos de colaboradores de Paulo, é preciso contextualizar o seu significado semântico na comunidade do Novo testamento. Ao olhar para o conjunto dos escritos neotestamentários, observamos que

“Os inícios desta terminologia já se encontram na tradição sinótica (Mc 3,31-35). Em Mc 10,30, os ‘irmãos, irmãs e mãe’ são uma alusão à irmandade da comunidade cristã. At 14,2 distingue univocamente entre ‘judeus, gentios e irmãos’. Mas afinal, não é por seu exemplo ou ensinamento, e sim por sua morte redentora que Cristo torna possível a verdadeira fraternidade (Ef 2,11-18), que não se constitui por um idealismo humano em torno da unidade dos homens, nem somente por uma imitação de Jesus como exemplo, mas pela inserção na comunidade visível da salvação. Cristo é causa e meta da irmandade; seu conteúdo, porém, e sua manifestação é o amor, pois é pelo amor fraterno que reconhecemos nosso renascimento (1Pd 1,22s). Nesse amor, não é a mim que o irmão está ligado, mas a Deus; o adjetivo mais frequente de *adelfos* é *agapetos* ou *agapemenos* (amado), o que em 1Ts 1,4 é especificado como ‘irmãos amados por Deus’”⁶⁴.

Diante do exposto, vemos que em um primeiro momento, podemos falar irmãos/irmãs nos escritos paulinas, considerando essas características gerais apresentadas pelo autor. Podemos atestar isso nos escritos de Paulo, quando ele alerta suas comunidades sobre a necessidade de suportar as fraquezas dos irmãos (cf. Rm 15,1) para ninguém “pecar contra o Cristo”. O Apóstolo Paulo entende também que na construção dessa irmandade, há alguns limites, pois, “a comunidade visível é dividida: há pseudo-irmãos (Gl 2,4; 2Cor 11,26), irmãos, só no nome (1Cor 5,11)”⁶⁵. O

⁶³ *Ibid.* 239.

⁶⁴ BAUER, J. B. Irmão/Irmã. In: BAUER, Johannes B. *Dicionário Bíblico Teológico*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 199.

⁶⁵ *Ibid.*

importante aqui, tanto para Paulo, como para os demais escritores do Novo Testamento é entender que a irmandade é uma graça daqueles que foram renascidos não coincidindo necessariamente com as comunidades organizadas, nem tão pouco com os doze (cf. Jo 6,70).

Ao esclarecer tal compreensão sobre o significado geral da palavra irmão, podemos agora, falar também, sobre os “irmãos” que Paulo distingue da Igreja (cf. 1Cor 16, 19-20) ou mesmo dos fiéis em geral (cf. Ef 6,23-24; Fl 4,21-22; Cl 4,15) como sendo seus colaboradores. Sobre a identidade desses irmãos colaboradores, encontramos em alguns textos paulinos uma referência de suas atividades. Sobre isso, vemos,

“na carta que Paulo escreveu em Antioquia* (cf. Longenecker, lxxxviii) para os gálatas: ‘Paulo... e todos os irmãos que estão comigo’ (Gl 1,1-2); os co-remetentes em outras passagens são sempre companheiros de trabalho (1Cor 1,1; 2Cor 1,1; Fl 1,1; Cl 1,1; 1Ts 1,1; cf. At 13,1-3). ‘Os irmãos’ pode se referir aos que trabalhavam em congregações locais (Fl 1, 14; cf. Cl 1,2 com 4,15-16; cf. At 11,1.29; 12,17) ou àqueles cujo ministério assume um caráter missionário itinerante (2Cor 2,13; 8,18.22-23; cf. At 10,23; 11,12)”⁶⁶.

O quadro geral de atividades realizadas pelos irmãos colaboradores, acima apresentado, indica a concepção e distinção que Paulo tinha dos seus “irmãos colaboradores” que, por sua vez, junto ao apóstolo, desenvolviam um grande trabalho missionário. É preciso dizer ainda que, tanto os irmãos, vistos de modo geral ou como colaboradores, se esforçam para viver uma vida em conformidade à vida de Cristo, buscando assim, criar uma fraternidade visível no tempo e no espaço pela comunhão da Igreja, Corpo de Cristo.

3.1.3 Ministro

Os ministérios apresentados nos escritos neotestamentários sofrem variações segundo os tempos e lugares e suas diversidades são frutos do Espírito Santo que nascem desses ministérios para atender a realidade das comunidades cristãs nascentes. Dito isso, é preciso entender que na diversidade dos ministérios, “há

⁶⁶ ELLIS, 2008, p. 234.

consciência unânime de que são dados por Deus e sustentados pelo Espírito. A diversidade não chega a ser razão de divisões entre os cristãos”⁶⁷.

Ao Falar especificamente do ministério dos diáconos, esses aparecem no Novo Testamento,

“Regularmente associados aos *episcopos* (bispo*) (Fl 1,1; 1Tm 3,2.8.12), os diáconos (d.) tem suas qualidades descritas em 1Tm 3,8-13. Os sete de Atos 6, 1.6 não são os primeiros d., mesmo se a tradição* os indica com frequência. A atividade do sete é diferente: pregação*, batismo*, evangelização* (At 6,8ss; 8,5-13.26-40; 21,8). Eles não receberem esse título, enquanto esse é dado a cristã Febe (Rm 16,1)”⁶⁸.

A partir desses pontos elencados na citação acima, queremos destacar as qualidades que são exigidas àqueles que abraçam ao ministério diaconal. Os diáconos, devem pois, ser pessoas respeitáveis; de uma só palavra; não devem ser inclinados ao e nem tão pouco se corromper ao dinheiro; devem conservar o mistério da fé com uma consciência limpa, devem ser experimentados antes de assumir a diaconia; devem ter uma única esposa e serem pais exemplares na educação dos filhos (cf. 1Tm 3,8-13).

Diante do que já foi exposto, vemos que os ministros (*diakonos*) colaboradores de Paulo, aparecem como sendo irmãos especializados nas atividades da pregação e ensinamento (cf. 1Cor 3,5; 2Cor 3,6; 6,4; Ef 3,7-8; Cl 1,7.23; 1Tm 4,6). Esses “irmãos”, os *diakonoi*, temo como responsabilidade, servir em suas congregações locais (cf. Rm 16,1; Fl 1,1; 1Tm 3,8), mas também, nas rotas missionárias. O fato deles assumirem a função de mestres, são tidos, como merecedores de pagamento (cf. Gl 6,6)⁶⁹. Ao olhar para o quadro geral do ministério diaconal apresentado pelos escritos do Novo Testamento e, de modo especial, na obra paulina, partilhamos da ideia de que

“Na Igreja local hoje, o diácono exerceria, por excelência, o papel de servir os pobres, conscientizá-los, identificar-se com eles, despertar a administração da Igreja para o serviço dos pobres. Caberia a ele ser ‘a expressão sacramental da diaconia da Igreja no mundo e na sociedade’. [...] não cabe ao diácono substituir o presbítero, lá onde não existem presbíteros em número suficiente. Seria acabar com a

⁶⁷ TABORDA, Francisco. *A Igreja e seus ministros: uma teologia do ministério ordenado*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 85.

⁶⁸ LEGRAND, Hervé. Diácono. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. Trad. Paulo Menezes [et al]. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola: Paulinas, 2014, p. 554.

⁶⁹ Cf. ELLIS, 2008, p. 234.

especificidade do diaconado. Não cabe aos diáconos presidir as comunidades, mas dirigir as diaconias, os diversos serviços específicos necessários à vitalidade da Igreja. O ministério diaconal típico não é 'vertical', mas 'transversal': 'ele não congrega a comunidade, mas a conduz do umbral ao altar, e vice-versa, para que ela se reúna e celebre em verdade a eucaristia, pão partido para um mundo novo'. A ordem diaconal existe a serviço da Igreja local, junto com o bispo e seu presbitério, para abrir a comunidade ao mundo"⁷⁰.

Ao ter refletido sobre os irmãos diáconos, colaboradores de Paulo no seu apostolado, podemos perceber que esse grupo é mais um dos que se somam aos ministérios diversos com a missão de fazer acontecer a obra de Deus em sua Igreja, fazendo assim, valer a lei do amor, do serviço e da doação mútua, não impontando assim, qualquer que seja a função que se exerça na comunidade.

3.1.4 Apóstolos

Os Apóstolos aparecem nos escritos neotestamentários como uma categoria básica de ministros que não só viram "Jesus, nosso Senhor", mas foram, por Ele mesmo nomeados e enviados em missão. É válido dizer que o "termo '*apóstolos*' ocorre 80 vezes no NT, das quais 34 nas cartas paulinas (inclusive as deuteropaulinas e as pastorais) e outras 34 vezes em Lc e At. Está claro, portanto, quais são as duas fontes mais importantes"⁷¹. Dito isso, podemos a partir da obra paulina e lucana, apresentar uma síntese que identifica no termo apóstolo quatro aplicações possíveis. São elas:

"1) os Doze, escolhidos por Jesus e que o acompanharam durante a sua vida pública até a ressurreição; dentre outros discípulos com essas características, pode ser escolhido alguém, após a ascensão, para completar o número simbólico dos Doze (cf. At 1,22); 2) os que fundamentavam sua missão no encontro e no envio do ressuscitado, como Paulo; 3) os que se arvoravam em apóstolos, que Paulo chama ironicamente de 'superapóstolos' (cf. 2Cor 11,5 e 12,11), mas também, com indignação, de 'falsos apóstolos' (cf. 2Cor 11,13); 4) os delegados das Igrejas, enviados por elas para alguma missão (cf. 2Cor 8,23; também At 14,4.14, onde fica claro que Lucas inclui Paulo e Barnabé nessa categoria)"⁷².

⁷⁰ TABORDA, 2011, pp. 203.205-206.

⁷¹ KÜHSCHLM, Roman. Apóstolo. In: BAUER, Johannes B. *Dicionário Bíblico Teológico*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 25.

⁷² TABORDA, 2011, pp. 79-80.

É importante observar que o fato de Paulo não se enquadrar na categoria dos doze apóstolos de Lucas, visto que esses eram aqueles que testemunharam a vida terrena de Jesus (cf. At 1,22), não impede a Lucas de reconhecer o papel de apóstolo assumido por Paulo. Vemos também que, ao analisar as categorias apresentadas na citação acima, faz-se necessário destacar dois pontos importantes: 1) a compreensão de apóstolo em sentido qualificado antes e no tempo de Paulo; 2) os apóstolos de Jesus Cristo, colaboradores de Paulo. Vejamos cada um deles.

A compreensão que Paulo tem de apóstolo antes e depois dele é preciso ser entendida na dinâmica de que, “embora Paulo seja a testemunha mais antiga do sentido cristão de ‘apóstolo’, ele várias vezes mostra que adota um termo já existente”⁷³. Isto é, para Paulo, antes dele há os “apóstolos em Jerusalém, como testemunhas da ressurreição”⁷⁴ (cf. Gl 1,17-19; 2, 2.9; 1Cor 9,1; 15,3-5.7; 1Ts 2,7), já depois dele, os apóstolos são entendidos como missionários, carismáticos (pneumáticos), aqui “diferente da evolução em Jerusalém, a evolução em Antioquia parece ter levado a um apostolado com base num carisma claramente orientado para a missão (entre os gentios e pagãos)”⁷⁵ (cf. At 13,1-3(4a); 14, 4.14; 1Cor 4,9; 9,5; Rm 16,7).

Ao olhar agora, mais especificamente para os apóstolos de Jesus Cristo, colaboradores de Paulo, podemos destacar entre eles, Apolo, Barnabé e Silas. Temos também os apóstolos colaboradores que são enviados como missionários às Igrejas e, esses são, os “irmãos que não tem os nomes citados e viajam com Tito, inclusive um ‘cujo louvor a respeito do Evangelho todas as Igrejas cantam’ (2Cor 8,16-24.23)”⁷⁶. É importante destacar também, que entre os “apóstolos de Cristo”, haviam aqueles que eram considerados os falsos apóstolos⁷⁷ e, entre esses, se incluía os adversários de Paulo (cf. 2Cor 3,1; 11,4-5.13-15; Gl 1,6; 1Tm 4,1).

É oportuno também, destacar que, ao observar outros escritos do Novo Testamento, veremos que “João traz uma só vez a palavra ‘apóstolo’ e, ainda assim, num sentido genérico (cf. Jo 13,16). Na *Epístola aos Hebreus*, apóstolo é Cristo (Hb 3,1). No *Apocalipse* (cf. Ap 21,14), os apóstolos são os Doze”⁷⁸. Há também em outros

⁷³ KÜHSCHERM, 2000, p. 25.

⁷⁴ *Ibid.*

⁷⁵ *Ibid.*

⁷⁶ ELLIS, 2008, p. 236.

⁷⁷ *Ibid.* p. 235-236.

⁷⁸ TABORDA, 2011, p. 80.

escritos neotestamentários (cf. Ef 2,20; 3,5; 4,11; 2Pd 3,2; Jd 17) o uso do termo apóstolo como sendo “um conceito já bem delineado para designar uma realidade claramente pertencente ao passado”⁷⁹. Todo esse processo conceitual é construído e entendido até a primeira geração cristã e, tendo passado essa geração das testemunhas que fizeram o encontro com o ressuscitado, a tradição, por sua vez,

“configurará cada vez mais os ministérios à missão apostólica. Duas são as dimensões insubstituíveis: por um lado, os ministérios devem se apostólicos no sentido de olhar para o futuro da evangelização, pois é própria do apostolado a tarefa da expansão missionária; por outro, a referência ao passado fundacional. Em resumo: cabe ao ministro olhar pra o futuro, sabendo-se ligado à tradição dos apóstolos”⁸⁰.

Ao considerar toda essa construção conceitual sobre o termo apóstolo, fica mais evidente, a compreensão de apostolado apresentada por Paulo. E, por isso, é válido aqui, ressaltar que no pensamento paulino, o apostolado é um serviço realizado em nome e por encargo de Cristo, já que sua autoridade é dada pelo próprio Cristo (cf. 2Cor 2,9; 7,15; Fl 2,12; Fm 21). Paulo entende ainda, que a realização desse serviço, se dá pela graça recebida do Senhor (cf. Rm 1,5; 12,3; 15,15; 1Cor 3,10; 15,10; Gl 2,9) e não por outro mérito, qualquer que seja. Em resumo: Apóstolo é todo aquele que serve a Cristo (cf. 1Cor 4,1; Rm 1,1; Fl 1,1; Gl 1,10), anunciando o seu evangelho como cooperador de Deus (cf. 1Cor 3,9) que ajuda na construção da Igreja, povo de Deus.

Ao chegarmos no desfecho dessa reflexão sobre o significado do termo apóstolo, destacamos como pontos centrais e importantes, as seguintes ideias:

“O NT não usa um conceito uniforme de apóstolo. [...] No cristianismo primitivo, o termo aparece com diversas matizes de conteúdo. Encontram-se acentos claramente opostos, mas também sínteses. Paulo, p.ex., é ao mesmo tempo apóstolo-testemunha do Ressuscitado e missionário carismático. Ao passo que Ef e as Cartas Pastorais valorizam o apóstolo Paulo como modelo e norma para toda a pregação posterior e para todo o ministério da Igreja, Lucas e (Lc e At) não chama Paulo de apóstolo, mas o considera uma testemunha incomum. 2Pd reconcilia as duas linhas da Tradição e lhes formula as normas. [...] De um lado, o apostolado ocupa claramente uma posição de prioridade; é só por ele que se efetua a transição Jesus-Igreja; é restrito aos primeiros enviados; não é transmissível. De outro lado,

⁷⁹ *Ibid.*

⁸⁰ *Ibid.* p. 81.

porém, é incorporado na Igreja; tornou-se sua norma permanente, pois é no apostolado que se concentrou a própria tarefa de toda a comunidade de Jesus Cristo: missão e pregação”⁸¹.

Dito essas coisas, podemos perceber o quanto não só foi e ainda é importante a missão do apostolado. Veremos adiante, alguns dos colaboradores de Paulo e suas respectivas atuações junto às atividades apostólicas desenvolvidas por Paulo.

3.2. Mulheres colaboradoras

As mulheres, colaboradoras de Paulo, são mencionadas tanto em Atos dos Apóstolos como nas cartas paulinas como sendo um grupo notável dentro do seu apostolado. É possível observar que

“Algumas são chamadas diaconisas (*diakonoi*), colaboradoras (*synergoi*), ou missionárias (*apostoloi*) e diversas dedicavam-se aos ministérios de ensinar e pregar (Rm 16,1.3.7; Fl 4,2-3; Cf. At 18,26). As que ‘se afadigavam’ ou ‘labutavam’ estavam envolvidas em trabalho religioso não especificado (Rm 16,6.12) e outras eram membros de famílias ricas que sustentavam Paulo como benfeitoras e ofereciam suas casas para ser usadas como Igrejas domésticas (Rm 16,15; Cl 4,15; Fm 2; cf. Rm 16,13.15-16; At 16,14-15)”⁸².

A diversidade de funções que as mulheres exerciam junto ao apostolado de Paulo, faz-nos entender que o feminino na comunidade cristã primitiva, ultrapassava as disposições contrárias à realidade imposta pelo contexto histórico e cultural das sociedades nas quais essas mulheres viveram. É importante, para se entender tal questão, lembrar que,

“Na sociedade judaica, a submissão da mulher ao homem é total. Ela só tem espaço na cozinha, no cuidado com filhos, empregadas e empregados, nos cuidados com as plantações e principalmente no serviço do marido, seu senhor. [...] A mulher não partilha a mesa com os homens a não ser para servi-los (Gn 18,9) e, mesmo na hora das relações sexuais, ela mantém os cabelos cobertos por um véu (Gn 38,14ss). Só as prostitutas não se cobrem com véu. A mulher que se arisca a sair sem véu pode ser imediatamente repudiada pelo seu marido, sem maiores complicações legais. O rabino não se mostra em público na presença de sua mulher. Ao cruzá-la no caminho, não a

⁸¹ KÜHSCHERM, 2000, p. 28.

⁸² ELLIS, 2008, p. 237.

cumprimenta. Pois mulher decente não se faz observar em lugar público. [...] Na sociedade romana, a situação da mulher não é melhor. [...] Na iconografia romana, a mulher sempre aparece enfeitada. Escreve Peter Brown: 'Vendo que nada mais lhe resta do que partilhar o leito de um homem, as mulheres se põem a enfeitar-se: não têm outra perspectiva. Sua vida é uma prisão sem grades' (cf. BROWN, P. *Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1990). Como a mulher judia, ela fica presa à casa e aos afazeres domésticos. O mesmo autor escreve: 'ser mãe de família constitui (na aristocracia romana) uma honrosa prisão'⁸³.

É pois, nesse contexto, que as narrativas bíblicas também apresentam as lutas que as mulheres precisavam enfrentar para terem os seus espaços respeitados. Não podemos, pois, falar sobre as mulheres da bíblia, desconsiderando que essas, tiveram condições jurídico-sociais desfavoráveis que tornaram o seu papel ainda mais importante na história do cristianismo. Sobre a identidade feminina construída nos textos do Novo Testamento⁸⁴, podemos encontrar dois olhares: um positivo e um negativo. Sobre isso, afirmamos que,

"Incontestavelmente os textos desenham um registro específico do feminino. Este pode ser definido negativamente invocando-se as restrições que continuam caracterizando, no NT, a condição feminina e que são objeto das argumentações dos textos paulinos (1Cor 7,1ss, que adverte contra as servidões do casamento, 1Cor 14,3, que impõe às m. o silêncio nas assembleias, Cl 3,18, que reitera às m. as consignas da submissão). Mas o feminino também pode ser visto positivamente, à luz de outros textos paulinos. Seja porque estes evocam uma paridade fundamental entre o homem e a m. (1Cor11,12: 'Pois se a m. foi tirada do homem, o homem nasce da mulher e tudo vem de Deus'). Seja porque eles lançam as bases de uma eclesiologia que, ao lado de uma apostolicidade masculina a serviço da Igreja, é afirmada a vocação feminina de todos na Igreja. A feminilidade da Igreja evocada por 2Cor 11,12 ou Ap 22,17 não é mais aqui limitada a um sexo, ela designa a qualidade da relação que toda a humanidade recebe como vocação de viver em sua relação com Deus"⁸⁵.

Ao ter contextualizado o espaço histórico-cultural da mulher no tempo do Apóstolo Paulo, apontando assim, as questões centrais e, tendo por consciência, do esforço

⁸³ HOORNAERT, Eduardo. *Origens do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2016, pp. 168-170.

⁸⁴ Sobre esse assunto, encontramos uma abordagem geral e sintética em: HEINE, Susanne. Mulher/Homem. In: BAUER, Johannes B. *Dicionário Bíblico Teológico*. São Paulo: Loyola, 2000, pp. 276-277.

⁸⁵ PELLETIER, Anne-Marie. Mulher (A. Na Bíblia). In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. Trad. Paulo Menezes [et al]. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola: Paulinas, 2014, pp. 1203-1204.

dessas mulheres nas primeiras comunidades cristãs, apresentamos a seguir, três grandes colaboradoras de Paulo que contribuíram com o seu apostolado nas comunidades que ele fundou.

3.2.1. Lídia

O texto de At 16,11-40, narra que, “ao chegar a Filipos, cidade da Europa, o apóstolo Paulo converteu uma mulher, comerciante de púrpura, chamada Lídia, que desempenhou um papel importante na fundação da igreja daquela localidade”⁸⁶. Do encontro entre Lídia e Paulo nascem novos cristãos, uma vez que, o “Senhor lhe abrirá o coração, para que ela atendesse ao que Paulo dizia” (At 16,14), ela e os de sua casa recebem o batismo (cf. At 16,15).

Antes de falarmos sobre a pessoa de Lídia, queremos contextualizar o lugar de sua morada, a cidade de Filipos. O teólogo biblista Gerald F. Hawthorne, apresenta-nos alguns dados importantes:

“Filipe da Macedônia construiu-a em 358-357 a.C., no local de uma antiga cidade trácia distantes a treze quilômetros do mar, em uma região fértil, cheia de nascentes. Ele a fortificou e lhe seu nome. Posteriormente, Filipos tornou-se parte do Império Romano e transformou-se em um ponto de parada ao longo da principal rota terrestre que ligava Roma ao Oriente. Destruída por guerras foi reconstruída pelo imperador Otaviano [...]. Filipos era habitada predominantemente por romanos, mas muitos gregos macedônicos e alguns judeus também viviam ali. Seus habitantes orgulhavam-se da cidade, de seus laços com Roma, de seguir os costumes romanos e de obedecer às leis romanas, de ser cidadãos romanos (cf. At 16,21)”⁸⁷

É, pois, nessa cidade, um dos pontos principais da rota terrestres romana, marcada fortemente pelo comércio e pela diversidade cultural que Lídia, como convertida, irá viver a sua fé no seguimento a Jesus, colaborando com Paulo em seu trabalho missionário. É importante ainda, destacar alguns elementos culturais, religiosos e econômicos da cidade:

⁸⁶ ARRUDA, Lúcia F. *Mulheres na vida de Paulo: A história de Lídia, Priscila e Febe*. São Paulo: Paulus, 2019, p. 4.

⁸⁷ HAWTHORNE, 2008, p. 537.

“Havia um fórum (praça pública), que continha um templo do deus romano Júpiter; uma cúria (repartição administrativa), onde se reunia o conselho da cidade; uma basílica (edifício dos tribunais), onde se conduziam casos jurídicos e negócios; e inúmeras estátuas em honra de cidadãos ilustres e do imperador romano e sua família. Havia também vários templos espalhados por toda a cidade, ou isolados em recintos individuais. Ali também eram encontrados os famosos banhos públicos, uma versão modificada do teatro grego e um amplo anfiteatro para jogos de gladiadores. [...] A cidade era primordialmente centro de agricultura. [...] o trabalho nas terras ao redor das aldeias era a base do desenvolvimento econômico da região [...]. Os imigrantes estrangeiros trabalhavam primeiramente no comércio e em várias profissões, entre elas a de padeiros, verdureiros, barbeiros, sapateiros, leiloeiros, emprestadores de dinheiro e hoteleiros”⁸⁸.

O espaço sócio-cultural-político e religioso de Filipos, como vimos nas descrições acima, é característico de uma cidade de renome e de localização estratégica que favorece o diálogo aberto em suas dimensões diversas. Tendo dito essas coisas, nos perguntamos então, quem é Lídia? Qual seu papel como colaboradora de Paulo?

Lídia era uma mulher emigrante que veio junto com seu esposo da cidade de Tiatira na Ásia menor para morar em Filipos. Ela ficou viúva muito jovem e, logo após a morte de seu marido, assumiu os negócios dele. Com muita dedicação e esforço, fez prosperar o seu negócio de vendas de tecidos tingidos com cor de púrpura. Apesar de não ser rica, tinha uma vida bem confortável, pois sua casa era “uma espécie de vila romana espaçosa, situada nos arrabaldes da cidade. As salas de espera e de refeição possuíam tetos altos e pisos de mosaico, e abriam-se diretamente para um pátio interno que servia como vão de entrada para a luz”⁸⁹. Juntamente com ela, moravam em sua casa, três filhos adolescentes, duas servas que lhe ajudavam nos afazeres domésticos e dois servos que auxiliavam nas transações comerciais.

Lídia se destacou como uma grande colaboradora de Paulo, não hesitando, logo após ao seu batismo, em oferecer a Paulo e seus companheiros uma hospedagem em sua casa que, a princípio ele resistiu, porém, confessou ser por ela forçado a aceitar (cf. At 16,15)⁹⁰. Em sua hospedagem, Lídia demonstrou grande generosidade e rica hospitalidade. Sobre o exemplo de vida que Lídia carregava consigo, é digno

⁸⁸ ARRUDA, 2019, p. 6.

⁸⁹ *Ibid.* p. 8.

⁹⁰ É importante destacar que o fato de Paulo aceitar ser hospedado na casa de Lídia é “Contra a linha de conduta ordinária de Paulo (cf. 20,33-35; 1Ts 2,9; 2Ts 3,8; 1Cor 9). Também mais tarde os filipenses fá-lo-ão aceitar auxílio que jamais teria recebido de outros (cf. Fl 4,10-18). É o melhor reconhecimento à caridade de Lídia e dos outros cristãos de Filipos” (*BÍBLIA de Jerusalém*. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2010, p. 1932).

de nota que, “o exemplo e testemunho dela tenham levado todas as mulheres que se reuniram com Lídia para rezar ao longo de um rio, antes mesmo de Paulo chegar a Filipos (At 15,13), a ter fé em Jesus Cristo”⁹¹.

É importante destacar que, como colaboradora de Paulo, Lídia assumiu junto com outras pessoas o núcleo da Igreja de Filipos. Dentre os muitos serviços realizados por Lídia, destacamos: a hospitalidade; o estudo da lei; a instrução dos novos convertidos; a liderança da comunidade (sua casa se transformou numa Igreja doméstica); o cuidado com os pobres. Em resumo, além “de pregar, ensinar, batizar e presidir a celebração da Ceia do Senhor, eles tinham a tarefa de dirigir a comunidade e cuidar da administração. [...]eles assumiam a tarefa de cuidar dos pobres e doentes da comunidade (cf. Fl 1,1)”⁹².

Ao analisar a atuação de Lídia e dos demais membros da comunidade de Filipos (cf. Fl 2,25; 4,2-3), apesar dos poucos dados disponíveis, é possível ver que Filipos, como qualquer outra comunidade cristã nascente, apresentou também desafios: divisões de grupo (cf. Fl 1,27; 2,2); pessoas que cuidavam apenas de seus interesses (cf. Fl 2,3-4); aqueles que só murmuravam e resmungavam (cf. Fl 2,14) e os que não se davam bem com ninguém (cf. Fl 4,2). Mesmo frente a esses desafios, Lídia e as demais lideranças não desanimavam, pois encontravam em Paulo o apoio e a orientação para seguir em frente e superar os desafios.

3.2.2. Priscila

A narrativa da história de Priscila e Áquila, como colaboradores de Paulo, tem seu início na cidade de Corinto, pois foi lá,

“Na rua dos tecelões [que] Paulo encontrou o casal [...] que tinha acabado de chegar de Roma, pois o imperador romano Cláudio havia expulsado os judeus daquela cidade. Os dois convidaram Paulo para morar e trabalhar com eles, pois tinham a mesma profissão: eram fabricantes de tendas (cf. At 18,1-4)”⁹³.

⁹¹ HAWTHORNE, 2008, p. 558.

⁹² ARRUDA, 2019, p. 11.

⁹³ *Ibid.* p. 14.

Antes de comentar sobre esse encontro, é válido destacar que Priscila e Áquila já são judeu-cristãos batizados com uma vivência de fé e atuação na comunidade cristã. Como o próprio casal relata a Paulo, foram batizados no dia de Pentecostes quando ao escutar a pregação de Pedro sentiram seus corações tocados e junto aos três mil batizados naquele dia, se tornaram cristãos (cf. At 2,1-42). Priscila, juntamente com seu esposo desenvolveu algumas atividades como⁹⁴:

- a) Após o batismo, realizaram um trabalho de evangelização onde moravam, no Ponto, região localizada ao norte da Ásia Menor;
- b) Passaram um tempo em Jerusalém como missionários ajudando os irmãos cristãos que lá estavam sendo perseguidos, inclusive nesse tempo, Paulo (Saulo) era um desses perseguidores;
- c) Após alguns anos, se ofereceram para ir a Roma com outros cristãos missionários para evangelizar aquela cidade. Nessa ocasião, seus dois filhos permaneceram em Jerusalém, pois já estavam casados e tinham criado raízes na Cidade Santa;
- d) Por causa de um decreto do imperador Claudio, proibindo o culto e as reuniões dos judeus nas sinagogas na cidade de Roma, Priscila e Áquila deixaram a cidade e foram para Corinto.

Ao conhecer os diversos trabalhos e experiências já vividos por Priscila e Áquila, podemos dizer que Paulo ao chegar em Corinto e, juntando-se a eles, tem agora colaboradores já experientes para ajudá-lo no seu projeto missionário de fundar mais uma comunidade cristã. Estando em Corinto,

“Paulo e seus colaboradores frequentavam as sinagogas aos sábados, e discutiam com os judeus, procurando convencê-los (cf. At 18,4). Alguns judeus e prosélitos se converteram, entre eles o prosélito Estéfanos e sua família, que foram batizados por Paulo (cf. 1Cor 1,16) e ao qual, mais tarde, ele irá se referir como “o primeiro fruto da Acaia” (1Cor 16,15). [...] Nos outros dias da semana, ao manter contato com os inúmeros pagãos que vinham à oficina para tratar de negócios, Paulo e o casal de missionários procuravam evangelizá-los. Paulo encarregava Priscila e Áquila de instruir os que se convertiam, já que os dois eram muito entendidos nas Escrituras. Eles tinham a função de didáscalos, isto é, mestres (cf. 1Cor 12,28). Naquela época, as mulheres não estudavam a Lei, Torá, mas muitas delas eram instruídas por seus pais ou irmãos. Priscila fazia parte desse grupo. Paulo, então, resolveu dedicar-se apenas à pregação e encarregou o

⁹⁴ Cf. *Ibid.* pp. 14-15.

casal de colaboradores de instruir e batizar os recém-convertidos (cf. 1Cor 1,14-16)”⁹⁵.

É preciso observar que Priscila assume uma função importante dentro da comunidade e, com muito zelo, realiza todas as suas atividades sem deixar faltar com nenhum de seus afazeres. Dentre as muitas virtudes que possuía, “Priscila era dotada de um temperamento disciplinado e dinâmico. [...] dedicava parte do dia à oração. Suas atividades não a impediam de acolher, com solicitude e dedicação, todos aqueles que a procuravam. Cativava todos os que se aproximavam dela”⁹⁶. Sobre a realidade da Igreja de Corinto, é importante destacar que essa “reunia-se em várias casas, pois não havia possibilidade de um lugar de encontro público, como uma sinagoga, para um movimento religioso recém-constituído, que ainda não era reconhecido oficialmente (cf. Rm 16,23)”⁹⁷.

O perfil dos membros da Igreja de Corinto oferece uma visão panorâmica da identidade não só da comunidade cristã, mas também da própria sociedade. Sobre essa questão, é preciso destacar que

“as categorias de membros da Igreja, relacionadas em 1 Coríntios 12,13 como judeus, gregos, escravos e homens livres, refletem a formação da cidade, e o mesmo acontece com diversos os diversos nomes judaicos, romanos e gregos mencionados nas cartas (cf. judeus: Áquila, Priscila, Crispo; romanos: Fortunato, Quarto, Justo etc.; gregos: Estéfanos, Acaio, Erasto). Por 1 Coríntios 7,20-24 ficamos sabendo que alguns fieis de Corinto eram escravos. Além disso, como na Corinto romana a aristocracia rural já não existia, logo surgiu uma ‘aristocracia endinheirada’, acompanhada de um impetuoso espírito independente (assim Fee 2). Essa distinção de classes baseada na riqueza reflete-se nas tensões e facções manifestadas durante a celebração da Ceia do Senhor (1Cor 11,17-34) pois, aparentemente, a maior parte dos membros da Igreja era da classe socioeconômica baixa ou média, com apenas algumas famílias ricas representadas (1Cor 1,26-27)”⁹⁸.

Ao passo que o Apóstolo Paulo no seu caminho de evangelização ia conhecendo cada vez mais a cidade de Corinto, ele entendia “que os pobres e excluídos eram os prediletos de Deus, e que a mensagem cristã deveria ser dirigida preferencialmente a

⁹⁵ *Ibid.* pp. 15-16.

⁹⁶ *Ibid.* p. 16.

⁹⁷ HAFEMANN, Scott. J. Coríntios, Carta aos. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2008, p. 282.

⁹⁸ *Ibid.* pp. 282-283.

eles”⁹⁹. E assim aconteceu em Corinto, Paulo e seus ajudantes pregavam aos gentios e Priscila e Áquila “continuavam sua missão de mestres e instrutores da Palavra. Ensinavam e batizavam”¹⁰⁰. A comunidade crescia cada vez mais consciente da necessidade de perseverar na fé mediante o amor revelado nas obras de caridade (cf. 1Cor 16,13-14), assim como também, sempre disposta a superar as rivalidades e viver em unidade e paz (cf. 2Cor 13,11-13).

3.2.3. Febe

Em Rm 16,1-2, encontramos a seguinte afirmação de Paulo: “Recomendo-vos Febe, nossa irmã, diaconisa da Igreja de Cencréia, para que a recebais no Senhor de modo digno, como convém a santos, e a assistais em tudo o que ela de vós precisar, porque também ela ajudou a muitos, a mim, inclusive”. Nessa afirmação dada por Paulo, iniciamos nossa reflexão sobre Febe, destacando que essa perícope, faz uma “breve recomendação aos cristãos de Roma, para que recebam Febe com uma acolhida digna de uma representante da igreja. A função dela (diakonos, prostatis e nossa irmã), não é dada a nenhuma outra mulher, em todo o Novo Testamento”¹⁰¹. Sendo assim, é preciso ressaltar que “o título de diakonos, o qual Paulo aplica para Febe indica que ela exercia uma função diretiva. Febe, igual a Paulo, anuncia o Evangelho, organiza e cria comunidades”¹⁰².

É importante também, apresentar o caminho de conversão que Febe viveu até chegar a assumir na comunidade de Cencréia, o ministério da diaconia. Apontamos pois, alguns momentos de sua vida¹⁰³, que entendemos ser cruciais nesse processo:

- a) Febe, seu marido Júlio e seus três filhos moravam na cidade-porto de Cencréia. Eles viviam do comércio de cerâmica e pertenciam a aristocracia local. Febe havia herdado de seu pai algumas fábricas de cerâmica que juntamente com seu marido, administrava com muito sucesso. Moravam também com Febe e sua família alguns escravos e funcionários que ajudavam nos afazeres da casa e nas transações comerciais;

⁹⁹ ARRUDA, 2019, p. 17.

¹⁰⁰ *Ibid.*

¹⁰¹ PAULO, Maria Oliveira. *A diaconia de Marta e de Febe: um estudo de Lc 10, 38-42 e Rm 16, 1-2*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Goiás, Departamento de Ciências da Religião, 2007, pp. 107-108. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br>. Acesso em: 21 out. 2022.

¹⁰² *Ibid.* p. 110

¹⁰³ Cf. ARRUDA, 2019, pp. 20-24.

- b) Foi em Corinto, na praça da cidade, onde se fazia negócios que Febe, pela primeira vez, escuta uma pregação de Paulo sobre Jesus de Nazaré e lá mesmo, ela já decide pedir o batismo
- c) Febe foi enviada por Paulo até Priscila para que ela lhe preparasse para receber o batismo;
- d) Após receber o batismo, Febe assume a missão de evangelizar a cidade-porto que morava (cf. 2Cor 1,1; 1Cor 1,11; Rm 16,8-9).

Em meio as atividades realizadas por Febe, encontramos nos escritos da teóloga Ivone Richter Reimer, uma rica síntese:

“Paulo menciona e caracteriza Febe como diácona (diáconos “que serve”) e a vincula ao trabalho realizado em Cencréia, que é cidade-porto de Corinto. Ali havia muita pobreza, muita gente peregrina, doentes, prostitutas, excluídos. Em seu trabalho, como o depreendemos do texto e de outras passagens bíblicas (veja Mt 25; Lc 10; Mc 10,43s), ela acolhia e dava abrigo a pessoas que chegavam ao porto, e deve ter feito isso também a Paulo em alguma de suas viagens a Corinto. É o que o apóstolo expressa com o termo *prostátis*, que pode ser traduzido por “protetora”, “que protegeu”, no sentido de oferecer asilo/abrigo a quem corre perigo (d)e perseguição por parte de autoridades político-militares (ver At 16,11ss). Isso significa que a função de Febe implica também responsabilidade político-social: ela responde, diante das autoridades, pelas pessoas que hospeda e protege em sua casa. *Prostátis* igualmente significa “estar à frente” de um trabalho no sentido político-organizacional, caracterizando pessoas que presidem um grupo, uma associação profissional, uma igreja. [...] Parece que sua responsabilidade não se restringia a Cencréia/Corinto, mas se estendeu também em sua viagem a Roma; leva a carta de Paulo apóstolo, e por isso este a recomenda apostolicamente ao cuidado da Igreja em Roma, a fim de que a acolha e a apoie em tudo o que ela precisar para realizar seu trabalho eclesial e sociopolítico também na capital do Império Romano”¹⁰⁴.

Ao analisar as atividades desenvolvidas por Febe, podemos perceber que ela era uma mulher dinâmica e destemida, pois assumiu com coragem o trabalho que lhe foi confiado e desenvolveu com grande generosidade e caridade o seu ministério. É importante destacar, por fim, que a casa de Febe também foi ponto de acolhida dos missionários que por Cencréia passaram, mas também, foi um dos espaços de encontro daquela comunidade para a celebração da Ceia do Senhor. Como as demais

¹⁰⁴ REIMER, Ivone Richter Maria. *Jesus e Paulo com as mulheres: textos, interpretações e história*. São Paulo: Paulus, 2013, p. 53.

mulheres colaboradoras de Paulo, Febe também aparece como uma líder forte de sua Igreja local. Ao ter apresentado alguns nomes de mulheres colaboradoras de Paulo e destacado, de modo sintético as suas atividades, fica claro que o

“Humano e divino se inter-relacionam na práxis do amor e da diaconia, vivenciada e demonstrada pelas mulheres que se puseram em relação com Jesus e com Paulo. Como irmãs, mãe, discípulas, diaconisas e apóstolas de Jesus, nelas e por meio delas se expressam igualmente o amor divino e o humano”¹⁰⁵.

Dito isso, é preciso ressaltar que essas mulheres de ontem, encorajam e inspiram as mulheres de hoje a não desanimarem no seu apostolado seja ele qual for, pois é olhando para essas mulheres, que a Igreja de hoje pode também encontrar uma energia criativa e esperançosa de uma Igreja rica na sua diversidade de dons e carismas.

3.3. Homens colaboradores

Os homens, colaboradores de Paulo, são mencionadas tanto em Atos dos Apóstolos como nas cartas paulinas como sendo um grupo notável dentro do seu apostolado. Dentre seus muitos colaboradores podemos citar aqui alguns: Barnabé (cf. At 4,36-37; 9,27; 13,1), Silas (cf. At 15,22-23.32.40), Epafras (cf. Cl 1,7; 4,12; Fm 23), Epafrodito (cf. Fl 2,25; 4,18), Tíquico (cf. At 20,4; Ef 6,21; Cl 4,7; 2Tm 4,12; Tt 3,12), Urbano (cf. Rm 16,9), Gaio e Aristarco (cf. At 19,29; 20,4; 27,2; Cl 4,10). Vemos pois, que são muitos os colaboradores de Paulo, e isso, nos faz pensar que “o Apóstolo é um exemplo eloquente de homem aberto à colaboração: na Igreja, ele não quer fazer tudo sozinho, mas serve de numerosos e diversificados colegas”¹⁰⁶.

Todos os seus colaboradores em suas respectivas comunidades, contribuíram com o apostolado de Paulo assumindo diversos serviços e ministérios. E, para se ter um olhar geral sobre a importância desses colaboradores no projeto missionário de Paulo, escolhemos dentre eles, Timóteo e Tito, Barnabé, Silvano (Silas) e Apolo que desempenharam um papel significativo na missão evangelizadora.

¹⁰⁵ Cf. *Ibid.* p. 6.

¹⁰⁶ BENTO XVI, 2009, p. 27.

3.3.1. Timóteo e Tito

Timóteo e Tito são considerados dois colaboradores bem próximos de Paulo, a cada um deles, o Apóstolo escreve uma carta. Nessas cartas, Paulo dá conselhos e orientações pastorais aos seus colaboradores para que eles bem dirijam suas respectivas comunidades. É válido dizer que apesar de

“as cartas terem sido escritas para pessoas, elas têm um sentido mais amplo; são quase sinônimo de ‘comunitário’. De fato, as instruções dadas aos pastores, abarcam todos os setores da vida eclesial: desde a oração até o relacionamento interpessoal. Essas orientações são, muitas vezes, fundamentadas com textos de catequese, liturgia, profissões de fé, que são baseadas na Tradição”¹⁰⁷.

É possível, pois, por meio dessas cartas, conhecer a realidade das comunidades dirigidas por esses dois colaboradores de Paulo. Vejamos, pois, o que Paulo tem a nós dizer sobre cada um deles.

Timóteo tem suas raízes na cidade de Listra, na região da Licaônia, cerca de 200km da cidade de Tarso. Seu nome é de origem grega e “significa ‘aquele que honra a Deus’”. Enquanto no Atos Lucas o menciona seis vezes, Paulo em suas cartas refere-se a ele dezessete vezes (além de uma vez, na carta aos hebreus)¹⁰⁸. Apesar de não se saber muita coisa sobre sua família, tem-se informação de que seu pai é de origem grega e sua mãe de origem judeo-cristã, ela chamava-se Eunice (cf. At 16,1) e sua educação “esteve sob a responsabilidade desta e de sua avó, Lóide. Ambas transmitiram a fé judaica e o conhecimento da Lei de Moisés para o pequeno Timóteo (2Tm 3,15). Porém, por ser filho de pai gentio, ele não foi circuncidado ao oitavo dia”¹⁰⁹. Sobre a sua personalidade, é possível afirmar que ele “tinha saúde delicada (1Tm 5,23) e caráter tímido e indeciso (1Cor 4,17; 16,10-11; 1Tm 4,12), talvez reflexo de sua educação familiar e da personalidade de Paulo, com quem conviveu”¹¹⁰.

O primeiro encontro de Timóteo com Paulo aconteceu em Listra, no início da segunda viagem missionária do apóstolo, e nessa ocasião, Paulo “escolheu Timóteo por companheiro, pois ‘ele era muito estimado pelos irmãos de Listra e Icônio’ (At

¹⁰⁷ ROSSI, Luiz Alexandre Solano; PERONDI, Ildo. *Paulo: Agente de pastoral e sementeiro de comunidades*. São Paulo: Paulus, 2019, p. 87.

¹⁰⁸ BENTO XVI, 2009, p. 17.

¹⁰⁹ ROSSI; PERONDI, 2019, p. 89.

¹¹⁰ *Ibid.*

16,2), mas o circuncidou ‘por causa dos judeus que se encontravam naquelas regiões’ (At 16,3)”¹¹¹. Sobre a sua colaboração no projeto missionário de Paulo, é possível afirmar que ele

“Esteve com Paulo no momento em que foram escritas as cartas: 1-2 Tessalonicenses (1Ts 1,1; 2Ts 1,1); 2 Coríntios (2Cor 1,1); Romanos (Rm 16,21); Filipenses (Fl 1,1); Colossenses (Cl 1,1) e Filêmon (Fm 1). Acompanhou Paulo na Macedônia (At 17,14-15); em Corinto (At 18,5) e em Éfeso (At 19,22). Desempenhou várias tarefas de confiança de Paulo e muitas vezes difíceis (1Ts 3,1-2.5-6; 1Cor 4,17; 15,10; Fl 2,19-24; Rm 16,21). [...] Não sabemos quando recebeu a imposição das mãos, que reflete, justamente, a ordenação (1Tm 4,14; 2Tm 1,6). A primeira carta a ele destinada deve ter sido escrita da Macedônia, pelos anos 64-65 e apresenta Timóteo como responsável pela Igreja de Éfeso. Paulo escreve para encorajá-lo e alertá-lo contra os falsos doutores (1,3-20; 4,1-5; 6,3-10). Esteve, provavelmente, com Paulo na época de seu martírio. Depois deve ter retornado a Éfeso, onde, segundo a Tradição, morreu como mártir no ano de 97”¹¹².

Sobre sua atuação como líder na Igreja de Éfeso, é possível afirmar que ele precisou combater os falsos doutores (cf. 1Tm 1,3-20); defender a sã doutrina contra a ameaça de novas doutrinas (cf. 1Tm 1,10; 2Tm 2,18); conscientizar os irmãos da comunidade sobre a importância de se ter uma vida disciplinar (cf. 1Tm 2, 1-15), principalmente entre aqueles chamados a exercer alguma liderança na comunidade, evitando a dispersão de líderes (cf. 1Tm 3,1-13; 2Tm 4,9-12); vigiar para que o amor não se arrefecesse (2Tm 4,16). Ao concluir nossa reflexão sobre a pessoa de Timóteo como colaborador de Paulo, é possível ainda afirmar que sua figura “sobressai como a de um pastor de grande relevo. Segundo a posterior *História Eclesiástica de Eusébio*, Timóteo foi o primeiro bispo de Éfeso (cf. 3,4)”¹¹³.

Quanto a Tito, é possível afirmar que apesar de seu nome ser de origem latina, sua procedência de nascimento era grega, sendo possível dizer que ele é pagão (cf. Gl 2,3). Sobre sua conversão, foi o próprio Paulo que o converteu e o acolheu como um filho (cf. Tt 1,4). “Tito parece ter sido um homem forte, de rápida iniciativa e ótimo organizador”¹¹⁴. Como seu colaborador, “Paulo o levou consigo a Jerusalém, para o assim chamado Concílio apostólico, no qual foi solenemente acatada a pregação aos

¹¹¹ BENTO XVI, 2009, pp. 17-18.

¹¹² ROSSI; PERONDI, 2019, p. 89.

¹¹³ BENTO XVI, 2009, p.18.

¹¹⁴ ROSSI; PERONDI, 2019, p. 92.

pagãos do Evangelho livre dos condicionamentos da lei mosaica”¹¹⁵. Dentre as atividades assumidas por Tito destacamos:

“acompanhou Paulo a Éfeso durante a terceira viagem missionária. Dali foi enviado pelo apóstolo para Corinto (2Cor 2,12ss; 7,6ss; 12,18) e, mais tarde, enviado outra vez para organizar a coleta em Corinto e nas Igrejas da Acaia (2Cor 8,6.23; At 20,4; Rm 15,26). Foi provavelmente ele que levou a perda “Carta em lágrimas” até Corinto. Após a libertação da sua primeira prisão romana, Paulo o encarregou do governo da Igreja de Creta (Tt 1,5). Posteriormente, Tito foi encontrar-se com Paulo em Nicópolis, no Épiro, sendo substituído em Creta por Artemas e Tíquico (Tt 3,12). Não sabemos se, de Nicópolis ou de Roma, Paulo o enviou para evangelizar a Dalmácia (2Tm 4,10)”¹¹⁶.

A partir do que já foi dito acima, não há mais informações sobre a vida e trabalhos de Tito, sabe-se apenas, por meio de uma antiga tradição, que “Tito morreu em Creta, com 93 anos de idade”. E seu legado deixado para a comunidade, foi uma vida vivida em conformidade à vida de Cristo, deixando como ensinamento, uma vida ética pautada no projeto de Deus, apresentado por Jesus Cristo (cf. Tt 1,6-9; 2,2-10; 3,1-3).

Ao olhar para a vida de Timóteo e Tito, entendemos que a graça de Deus não os deixou faltar em nada com suas responsabilidades, assim como, em suas fraquezas, Deus fez a cada um deles fortes (cf. 2Cor 12,10), para assim, testemunhar a sua graça e liberdade no seguimento a Cristo e conseqüentemente no serviço ao Reino de Deus.

3.3.2. Barnabé, Silvano e Apolo

Barnabé, Silvano e Apolo, aparecem como apóstolos de Jesus Cristo, colaboradores de Paulo. Isso significa que, junto a Paulo, eles assumem as mesmas responsabilidades e serviços (cf. 1Cor 4,9; 3,5; Ef 3,5.7). Vejamos, pois, quem foi cada um deles e quais foram suas contribuições de colaboradores de Paulo junto ao seu projeto Missionário.

Barnabé é natural de Chipre (cf. At 4,36), mas se estabeleceu em Jerusalém. Sua identidade esta alicerçada em suas “fortes raízes judaicas como levita (At 4,36) e sua

¹¹⁵ BENTO XVI, 2009, p.19.

¹¹⁶ ROSSI; PERONDI, 2019, p. 92.

educação helenística na diáspora judaica deram-lhe uma formação semelhante à de Paulo”¹¹⁷. Sobre sua família, é possível afirmar que “Barnabé tinha parentes em Jerusalém. Seu primo [...] era João Marcos e, na casa da mãe deste, Maria, moradora de Jerusalém, a Igreja se reunia (At 12,12)”¹¹⁸.

A história de conversão de Barnabé acontece em Jerusalém e lá, ele “foi um dos primeiros a abraçar o cristianismo, após a ressurreição do Senhor. Com grande generosidade, vendeu um terreno de sua propriedade, entregando o dinheiro aos Apóstolos, para as necessidades da Igreja (cf. At 4,37)”¹¹⁹. É válido dizer também que numa “tradição primitiva que se iniciou com Eusébio (que cita Clemente de Alexandria, *Hist. Ecl.* 1,12,1; 2,1,1) diz que Barnabé era um dos setenta enviados por Jesus (Lc 10). Mas é impossível confirmar isso”¹²⁰. O certo é que em Jerusalém junto com os apóstolos, Barnabé inicia sua caminhada cristã.

O trabalho ministerial de Barnabé junto a Paulo inicia-se quando o Apóstolo, após sua conversão, retorna a Jerusalém. Percebendo o posicionamento cauteloso dos apóstolos no relacionamento com Paulo, Barnabé torna-se seu advogado entre os líderes de Jerusalém (cf. At 9,27) e o ajuda a se inserir no centro da vida da Igreja. Desde então, os dois passam a realizar trabalhos em conjunto. Elencamos aqui o caminho percorrido por eles¹²¹:

- a) Barnabé é enviado pelos apóstolos para a cidade de Antioquia para ser Pastor da comunidade (cf. At 11,22) e, estando lá, convida Paulo para se juntar a ele nesse trabalho, assim, os dois trabalharam juntos na Igreja de Antioquia durante um ano (cf. At 11,26);
- b) Barnabé viaja junto com Paulo para ajudar a combater a fome em Jerusalém (cf. At 11,27-30);
- c) Barnabé e Paulo são enviados em missão para a cidade de Chipre (cf. At 13,2-4), terra natal de Barnabé (cf. At 4,36);
- d) Barnabé e Paulo foram juntos à Assembleia em Jerusalém (cf. At 15, 1-29);
- e) Após a volta para Antioquia (cf. At 15,30-35), Paulo e Barnabé se prepararam para fazerem a segunda viagem, e nessa ocasião, acontece um rompimento

¹¹⁷ BURGE, Gary M. Barnabé. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2008, p. 149.

¹¹⁸ *Ibid.* p. 150

¹¹⁹ BENTO XVI, 2009, p.27.

¹²⁰ BURGE, 2008, p. 150.

¹²¹ Cf. BENTO XVI, 2009, pp. 27-28; BURGE, 2008, pp. 150-151.

entre Paulo e Barnabé¹²², pois eles discordando em uma questão, resolvem cada um, ir para o seu lado. E assim, Barnabé parte para Chipre com João Marcos (cf. At 15,36-40)¹²³.

Ao olhar para o caminho que Barnabé e Paulo percorreram juntos, é possível afirmar que mesmo que em alguns momentos esses irmãos discordassem em algum assunto, eles se respeitavam e seguiam firmes em seu compromisso com o projeto missionário. Isso nos faz entender que, “também entre os santos há contrastes, discórdias, controvérsias. Isso me parece muito consolador, porque vemos que os santos não são ‘caídos do céu’. São homens como nós, com problemas até complicados”¹²⁴. O mais importante nesse processo, é ter consciência de que a “santidade não consiste em não ter nunca errado, pecado. A santidade cresce na capacidade de conversão, de arrependimento, de disponibilidade para recomeçar e, sobretudo, na capacidade de reconciliação e perdão”¹²⁵. E tais virtudes, vemos tanto em Barnabé como em Paulo.

Silvano¹²⁶ era um judeu de Jerusalém que tinha sido um dos primeiros a se tornar cristão nessa cidade (cf. At 15,22), considerado por essa mesma Igreja como profeta (cf. At 15,32). Sobre seu apostolado, é possível afirmar que a ele foi confiada a missão de apresentar as decisões do Concílio de Jerusalém aos irmãos de Antioquia, Síria e Cilícia (cf. At 15,23). Podemos dizer então que ele “era considerado capaz de operar uma espécie de mediação entre Jerusalém e Antioquia, entre judeu-cristãos e cristãos de origem pagã, e assim servir à unidade da Igreja na diversidade de ritos e de origens”¹²⁷.

¹²² É válido destacar que sobre esse ponto, é “possível que o fundo de separação de Paulo com Barnabé seja a desavença que se produziu entre eles em Antioquia a respeito das refeições comuns, e portanto a comunhão e comunhão entre cristãos provindos do judaísmo e do paganismo (cf. Gl 2,11-13)” (*BÍBLIA de Jerusalém*, 2010, p. 1931 – nota de rodapé E).

¹²³ É digno de nota, observar que a partir desse momento, “Lucas silencia a respeito deles. Parece claro que Paulo, Barnabé e João Marcos compartilharam uma relação de trabalho mais longa do que os Atos dão a entender. A referência de Paulo a Barnabé em 1 Coríntios 9,6 mostra não só que os coríntios conheciam Barnabé, mas que Paulo continuou a respeitá-lo. Calvino e Lutero estavam convencidos de que 2 Coríntios 8,18-19 também se referia a Barnabé: ‘enviamos com ele (Tito) o nosso irmão, cujo louvor a respeito do Evangelho todas as Igrejas cantam’. Do mesmo modo, a menção de João Marcos em Filêmon 24 e 2 Timóteo 4,11 mostra que Paulo e seu discípulo mais jovem reconciliaram-se mais tarde” (BURGE, 2008, p. 150).

¹²⁴ BENTO XVI, 2009, p. 28

¹²⁵ *Ibid.*

¹²⁶ Sobre a origem do seu nome, temos Silas que é uma “forma grecizada de um nome hebraico (talvez *sheal*, ‘pedir, invocar’, da mesma raiz do nome ‘Saulo’), de onde provém também a forma latinizada Silvano. O nome Silas é atestado no Livro dos Atos, ao passo que o nome Silvano comparece somente nas Cartas paulinas” (BENTO XVI, 2009, p. 29).

¹²⁷ *Ibid.*

Silvano passa a colaborar com Paulo como seu companheiro de missão quando o apóstolo separa-se de Barnabé (cf. At 15,40) e, a partir de então, os dois começam a realizar alguns trabalhos juntos. “Com Paulo, chegou à Macedônia (com as cidades de Filipos, Tessalônica e Bereia), onde se deteve, ao passo que Paulo prosseguiu para Atenas e, a seguir, Corinto. Silas o alcançou em Corinto, onde cooperou com a pregação do Evangelho”¹²⁸. Ainda como colaborador de Paulo, ele aparece como co-remetente das duas cartas aos Tessalonicenses (cf. 1Ts 1,1; 2Ts 1,1). Posteriormente, Silvano se torna “colaborador da missão petrina, quando também desempenhou um papel redacional como secretário na composição de 1 Pedro (1Pd 5,12)”¹²⁹.

Ao observar o trabalho desenvolvido por Silvano juntamente com Paulo, posteriormente com Pedro, vemos que esse irmão, com o seu serviço às respectivas comunidades dos apóstolos nos oferece um testemunho de comunhão, pois ele entende que a “Igreja é una e o anúncio missionário é único”¹³⁰.

Apolo era judeu “natural de Alexandria [...] homem eloquente e versado nas escrituras. Fora instruído no caminho do Senhor e, no fervor do espírito, falava e ensinava com exatidão o que se refere a Jesus, embora só conhecesse o batismo de João” (At 18,24-25). Ainda sobre a sua identidade cristã, é possível que

“Apolo seja identificado como um apóstolo do Jesus terreno, que continuou seu apostolado independente e sem conhecimento de Pentecostes e dos acontecimentos de Jerusalém (At 1–6). [...] Talvez seu ‘espírito cheio de fervor’ viesse do poder do Espírito Santo, que estava ativo nas missões apostólicas pré-ressurreição (cf. Lc 10). Esse entendimento explica porque, no relato lucano, Apolo, como os Doze, permanece sem um batismo cristão e é muito provável que fundamente o fato de posteriormente ser relacionado como um dos Setenta (ps-Hipólito, *on the Seventy Apostles* 50)”¹³¹.

No que diz respeito ao apostolado realizado por Apolo, pode-se afirmar a partir de algumas narrativas bíblicas que sua missão de ensinar e pregar o Evangelho deu-se nas cidades de Éfeso e Corinto. Sobre Apolo em Éfeso, Lucas (cf. At 18,24-28)

¹²⁸ *Ibid.*

¹²⁹ ELLIS, 2008, p. 235.

¹³⁰ BENTO XVI, 2009, p. 30.

¹³¹ ELLIS, 2008, p. 235.

“apresenta-o em ligação [...] com a recente partida de Paulo daquela cidade. Em Éfeso, Priscila e Áquila ouviram a pregação de Apolo na sinagoga. Ao perceber que Apolo já estava familiarizado com o batismo de João, o casal expôs-lhe ‘mais exatamente ainda o Caminho de Deus’. O texto indica que eles ‘o tomaram consigo’, ou seja, levaram-no à Igreja que se reunia em casa deles (cf. 1Cor 16,19, escrita de Éfeso)”¹³².

Posteriormente, Apolo passa a ensinar e pregar em Corinto, contudo, seu ministério nessa cidade, passou por alguns problemas, pois, “houve alguns membros daquela Igreja que, em nome dele, fascinados pelo seu modo de falar, opunham-se aos outros (cf. 1Cor 1,12; 3,4-6; 4,6)”¹³³, inclusive a Paulo. Em tudo isso, o mais importante é que tanto Apolo como Paulo, retiraram desse acontecimento em Corinto um ensinamento sobre o lugar e a importância de cada um no projeto do Reino de Deus, pois, “cada um [...] agiu segundo os dons que o Senhor lhe concedeu. Eu [Paulo] plantei; Apolo regou, mas é Deus quem fazia crescer. [...] Nós somos cooperadores de Deus, e vós sois a seara de Deus, o edifício de Deus” (1Cor 3, 5-6.9).

Apolo, tendo concluído seu apostolado em Corinto, retorna para Éfeso e, posteriormente, chega a receber um convite de Paulo para voltar a Corinto, mas preferiu adiar a resposta a esse convite para uma data posterior (cf. 1Cor 16,12)¹³⁴. Após esses últimos fatos não temos mais notícias sobre Apolo.

Ao ter exposto a vida de Barnabé, Silvano e Apolo, podemos concluir que esses três homens colaboradores de Paulo, “têm em comum a dedicação a Jesus Cristo e ao Evangelho”¹³⁵ e, mais ainda, através da missão que realizaram, “encontraram o sentido de sua vida e, enquanto tais estão diante de nós como modelos luminosos de desinteresse e de generosidade”¹³⁶, inspirando e motivando os cristãos de hoje a colocarem seus dons a serviço de Deus para o crescimento de sua Igreja.

¹³² BLUE, Bradley Byron. Apolo. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2008, p. 112.

¹³³ BENTO XVI, 2009, p. 30.

¹³⁴ É válido dizer que ao “ensinar e pregar na região da egéia, Apolo manteve contato com Paulo desde o início dos anos 50 até meados da década de 60” (ELLIS, 2008, p. 235).

¹³⁵ BENTO XVI, 2009, p. 31.

¹³⁶ *Ibid.*

3.4. Conclusão

Este último capítulo refletiu sobre Paulo e seus colaboradores. Para tal, foi num primeiro momento apresentando os tipos e conceitos de colaboradores que acompanharam Paulo em seu ministério e, num segundo momento, foram escolhidas algumas mulheres e homens como exemplos de colaboradores do Apóstolo.

Em suma, entendemos que essas colaboradoras e colaboradores no exercício livre do discipulado cristão, vivendo seus ministérios junto ao apostolado de Paulo, apresentam-nos um testemunho vivo e eficaz de um seguimento a Jesus Cristo, testificado na prática do serviço ao Reino de Deus. Essas mulheres e homens “de todas as idades, classes e etnias que vivenciavam a libertação em Jesus e aceitavam os desafios e as dificuldades do seguimento discipular abandonavam seu antigo modo de vida para viver como novas criaturas (Rm 6,4)”¹³⁷, e hoje, nos inspiram a abraçar os dons que recebemos de Deus e oferecê-los em prol do bem de nossas comunidades.

¹³⁷ REIMER, 2013, p. 44.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste presente trabalho consistiu em refletir sobre a missionariedade do Apóstolo Paulo. De imediato, o tema lançou o desafio de se pensar o processo de conversão do Apóstolo, o projeto missionário que ele traçou e os colaboradores e colaboradoras que a ele se juntaram durante o seu ministério.

O tema: Missionariedade no Apóstolo Paulo, quis trazer para a reflexão bíblico-teológica uma conscientização da importância de se pensar o processo missionário enquanto facilitador não só da adesão da fé como também, promotor da experiência dessa fé, tanto pessoal como comunitária, ou até mais, enquanto realizadora desta, pois, ao passo que olhamos para a vida ministerial de Paulo e seus colaboradores, encontramos um fundamentando e direção do agir cristão para aquilo que o faz ser um cristão, a tal ponto de ser testemunha na sociedade a qual está inserido, sendo assim, reconhecido e identificado pelo seu modo viver o seguimento a Cristo Jesus..

Ao apresentar este tema, traçou-se uma estrutura que abrangesse condições de se pensar o processo de conversão do apóstolo Paulo, o seu projeto missionário, levando em consideração as suas comunidades fundadas e a participação ativa de seus colaboradores em diversos serviços e ministérios. Destarte, direcionamos o trabalho para o campo da teologia bíblica, já que este é tido como o lugar propício para a reflexão do agir humano na vida cristã.

O primeiro capítulo apresentou o processo de conversão de Paulo, *buscou* demonstrar que quem toma a iniciativa do chamado, é o próprio Cristo. Enfatizou também que para poder corresponder ao chamado, se faz necessário estar disposto às mudanças que o chamado exige.

O segundo capítulo mostrou que não basta aceitar um chamado, mas sim ter um projeto de ação. Ao abordar esta temática como um projeto missionário, demonstrou-se que Paulo ao formar lideranças a partir das comunidades domésticas, conseguiu revelar a dimensão comunitária da evangelização. Afirmou-se também que a intenção pastoral de Paulo, levou às comunidades a refletir teologicamente sobre assuntos importantes para a fé. Percebeu-se com essa reflexão, que as comunidades paulinas foram estimuladas a viverem o amor fraterno, como expressão da relação deles com Jesus Cristo.

Por fim, o terceiro capítulo, ao se debruçar sobre alguns colaboradores específicos que auxiliaram a Paulo no seu projeto missionário. Percebeu-se que além

dos conceitos de colaboradores que acompanharam Paulo em seu ministério e, foram escolhidas e inseridas ao projeto missionário algumas mulheres e homens como exemplos de colaboradores do Apóstolo, no intuito de serem exemplos a serem seguidos pelas comunidades. Ao refletir sobre a importância dos exemplos, afirmou-se que para sermos colaboradores na evangelização dos povos, torna-se fundamental acolher nossa vocação particular e entende-la como uma doação gratuita e desinteressada.

Com este trabalho, não se tem a pretensão de esgotar a discussão bíblico-teológica sobre a missionariedade no Apóstolo Paulo, pois esta, marcada pela sua dinâmica da possibilidade de interpretação à luz do texto Sagrado, inspirado pelas luzes do Espírito Santo, sempre nos deixará a oportunidade de pensá-la e repensá-la. Em poucas palavras, mas sem pretensão de exaurir o assunto, pode-se dizer que o olhar sobre a missionariedade no Apóstolo Paulo é marcado por atitudes interiores que exigem do indivíduo que crê em Jesus de Nazaré, um genuíno testemunho de vida, na liberdade. É perceptível que as comunidades fundadas por Paulo, mesmo frente aos desafios do seu tempo, adotam valores religiosos que ressoam do Evangelho. Paulo, seus colaboradores e colaboradoras, são para os cristãos hoje, um exemplo de vida, vivida no amor incondicionado, manifestado por Deus, de modo pleno, em seu Filho Jesus Cristo. Paulo e seus companheiros e companheiras, nos convidam a hoje, viver uma experiência de fé no seguimento a Jesus Cristo, de modo livre e consciente, não se isolando de nossas comunidades, fazendo do Cristo a norma suprema de nossas vidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Sagrada Escritura

BÍBLIA de Jerusalém. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

Livros

ARRUDA, Lúcia F. *Mulheres na vida de Paulo: A história de Lídia, Priscila e Febe*. São Paulo: Paulus, 2019.

BARBAGLIO, Giuseppe. *As Cartas de Paulo (I) Tradução e comentários*. São Paulo: Loyola, 1989.

_____. *As Cartas de Paulo (II) Tradução e comentários*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

BENTO XVI, Papa. *Paulo: os seus colaboradores e as suas comunidades*. São Paulo: Paulus, 2009. (Coleção Catequese do Papa).

FABRIS, Rinaldo. *Paulo: apóstolo dos gentios*. 4ª ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. *Tudo pelo Evangelho. A personalidade, o pensamento, a metodologia de Paulo de Tarso*. São Paulo: Loyola, 2010.

HEYER, C.J. *Paulo, um homem de dois mundos*. São Paulo: Paulus, 2009.

HOORNAERT, Eduardo. *Origens do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2016.

MURPHY-O'CONNOR, Jerome. *Paulo, biografia crítica*. São Paulo: Loyola, 2000.

REIMER, Ivoni Richter Maria. *Jesus e Paulo com as mulheres: textos, interpretações e história*. São Paulo: Paulus, 2013.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano; PERONDI, Ildo. *Paulo: Agente de pastoral e semeador de comunidades*. São Paulo: Paulus, 2019.

SCHNELLE, Udo. *Paulo: vida e pensamento*. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.

TABORDA, Francisco. *A Igreja e seus ministros: uma teologia do ministério ordenado*. São Paulo: Paulus, 2011.

Capítulos de Livros

Barbaglio G. in. DETTWILER, Andreas; KAESTLI, Jean-Daniel; MARGUERAT, Daniel (ORGS.) *Paulo, uma teologia em construção*. Loyola, São Paulo. 2011. *As cartas de Paulo: contexto de criação e modalidade de comunicação de sua teologia*. Pp. 73 - 112.

CODINA, Vitor. Nova configuração da Igreja. In. BRIGENTHI, Agenor; ARROYO, Francisco M., (Orgs). **O Concílio Vaticano II: batalha perdida ou esperança renovada?**. São Paulo: Paulinas, 2015, pp. 108-127.

Teses, Monografias, Artigos

PAULO, Maria Oliveira. *A diaconia de Marta e de Febe: um estudo de Lc 10, 38-42 e Rm 16, 1-2*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Goiás, Departamento de Ciências da Religião, 2007. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br>. Acesso em: 21 out. 2022.

Manjaly, Thomas. *Paul's Ways of Community Building* (Version 1.0). Jnanadeepa: Pune Journal of Religious Studies, Jan-Dec 2009 (12/1-2). p. 227. Disponível em: <http://doi.org/10.528/zenodo.4268645>. Acesso em: 30 mar. 2022.

Verbetes de Dicionários

BARNETT, P. W. Apóstolo. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2008, pp. 121-128.

BLUE, Bradley Byron. Apolo. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2008, pp. 112-114.

BURGE, Gary M. Barnabé. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2008, pp. 149-151.

ELLIS, E. Earle. Colaboradores, Paulo e Seus. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2008, pp. 232-239.

EVERTS, Janet Meyer. Conversão e Vocação de Paulo. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2008, pp. 260-270.

HAFEMANN, Scott. J. Coríntios, Carta aos. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2008, pp. 270-289.

HANSEN, G. Walter. Gálatas, Carta aos. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2008, pp. 579-593.

HAWTHORNE, Gerald F. Filipenses, Carta aos. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2008, pp. 556-564.

HEINE, Susanne. Mulher/Homem. In: BAUER, Johannes B. *Dicionário Bíblico Teológico*. São Paulo: Loyola, 2000, pp. 276-277.

KÜHSCHELM, Roman. Apóstolo. In: BAUER, Johannes B. *Dicionário Bíblico Teológico*. São Paulo: Loyola, 2000, pp. 24-30.

LEGRAND, Hervé. Diácono. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. Trad. Paulo Menezes [et al]. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola: Paulinas, 2014, pp. 554-555.

MOHRLANG, Roger. Amor. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2008, pp. 66-70.

PELLETIER, Anne-Marie. Mulher (A. Na Bíblia). In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. Trad. Paulo Menezes [et al]. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola: Paulinas, 2014, pp. 1201-1204.

SIMPSON, John W. Jr. Tessalonicenses, Carta aos. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2008, pp. 1190-1199.